

Programa ampliado



Ciência Sem Fronteiras Segundo Jorge Guimarães, presidente da Capes, o intercâmbio para estudantes e pesquisadores lançado pelo governo federal em 2010 deve se estender para além de 2014. Em entrevista exclusiva ao JU, ele afirmou que entre os desafios do

programa está o estímulo à área das engenharias, já que o Brasil tem apenas 5% de seus estudantes matriculados em cursos desse setor, em oposição a um mercado industrial em expansão e carente de engenheiros. O dirigente também anunciou a ampliação de bolsas

aos programas de pós-graduação que enviarem mais alunos para doutorado sanduíche, e a disponibilização, até o final deste mês, de 100 mil senhas para um curso gratuito de inglês online, destinado aos estudantes das universidades federais. **P9**

Do trabalho coletivo nasce a arte



A frase acima sintetiza a principal lição de gravuristas como Anico Herskovits (à esquerda na foto ao lado, auxiliada por Maria Lúcia Sarturi), que dependem da existência de impressores, oficinas e prensas para darem vida às suas obras. “É preciso escutar o artista para poder executar o trabalho idealizado por ele. Um bom impressor tem de ter humildade”, revela Paulo Chimendes, um dos maiores especialistas do país em litografia (impressão que utiliza blocos de pedra como matrizes), que ministra oficinas no espaço mantido pelo Museu do Trabalho, em Porto Alegre. Para o professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Paulo Gomes, fazer gravuras exige habilidade manual muito próxima daquela demandada aos artesãos. **CadernoJU**



BIXOS 2013

Hora de explorar a UFRGS

Para aqueles que ingressam neste semestre, como a caloura do curso de Direito Morgana Garibaldi Diefenthaler (foto), é o momento de descobrir quais são e como funcionam alguns dos serviços oferecidos pela Universidade. Também é hora de procurar apoio pedagógico e de ficar atento às oportunidades de bolsas nos projetos de Iniciação Científica e de Extensão. **P6**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Licenciaturas apostam no uso das mídias digitais voltadas à prática em sala de aula

P8

Pesquisa

O uso de dentes de leite para recuperar órgãos e tecidos **P11**

Imigração

Porque os haitianos escolhem o Brasil para recomeçar **P10**

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de
Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembeck Rosing, Cesar Zen
Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz
Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello,
Márcia Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce
Kruze, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora Ánia Chala
Subeditora Jacira Cabral da Silveira
Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso,
Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira,
Kleiton Semensatto da Costa (Cadermo JU)
Diagramação Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia Flávio Dutra
Revisão Antônio Falcetta
Bolsistas Bibiana Guaraldi, Manuella
Martins Ramos e Priscila Kichler Pacheco
(jomalismo)
Circulação Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade

@jornalufrgs

Renovação e acolhimento

O mês de março marca o reinício das aulas na UFRGS. É o momento de acolher quem já faz parte desta grande comunidade e também de recepcionar aqueles que acabaram de ser selecionados no vestibular. Em 2013 realizamos o maior concurso dos últimos anos. Mais de 46 mil candidatos disputaram 5.425 vagas distribuídas em 89 opções de graduação. Mas o vestibular, etapa importante vencida, representa apenas o primeiro passo no caminho que os estudantes vão percorrer ao longo de sua permanência na Universidade. São histórias que se iniciam. Laços que se formarão nessa trajetória que está começando.

A UFRGS tem sua qualidade reconhecida, ocupando destacado papel em todas as avaliações realizadas por diferentes órgãos. Recentemente nossa instituição foi classificada como a melhor universidade brasileira, de acordo com o Índice Geral de Cursos, na avaliação continuada do MEC (INEP 2011-2012). Isso reflete o enorme comprometimento

e a dedicação de todos os seus alunos, professores e técnico-administrativos. Nossos calouros, certamente, irão contribuir para que sejamos cada vez maiores e melhores. Mas, para que isso aconteça, é preciso que os novos alunos saibam usufruir de todas as oportunidades que lhes são oferecidas. Ao longo dos últimos 10 anos, conseguimos ampliar e melhorar significativamente nossa infraestrutura, de maneira que os estudantes hoje encontram aqui bibliotecas, restaurantes universitários, casas de estudantes e colônia de férias renovadas. Além disso, cresceram as possibilidades de intercâmbio em instituições de ensino superior de todos os continentes, bem como os estágios, as bolsas de iniciação científica e de extensão, e as atividades culturais gratuitas.

Da mesma forma, desde a criação do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS, temos investido em políticas de acolhimento aos cotistas, por meio de iniciativas como

aulas de reforço à graduação, oferecidas aos sábados, e bolsas de auxílio financeiro, que permitem aos alunos de baixa renda o custeio de sua vida acadêmica. A Universidade também vem desenvolvendo projetos para receber intercambistas estrangeiros que aqui vêm completar sua formação.

Por tudo isso, ao mesmo tempo em que saudamos nossos calouros, que trazem renovação e novas formas de explorar as fronteiras do conhecimento, aproveitamos para parabenizar todos aqueles que concluíram seus cursos em 2012 e que agora realizam as cerimônias de colação de grau. A UFRGS na qual ingressaram se modificou. Muito trabalho foi feito para que ela se tornasse a primeira dentre as instituições públicas do país. Todos colaboraram na construção de uma universidade verdadeiramente comprometida com a sociedade e que coloca à sua disposição tudo o que produz.

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

SUS qualificado

Além de ser um leitor assíduo do Jornal da Universidade, sou um divulgador apaixonado do seu conteúdo. A qualidade e a pertinência das matérias publicadas é o que mais chama a atenção e facilita que eu faça propaganda entre familiares, alunos, demais colegas e – como eu sou médico – entre pacientes. Pode-se perceber que o conteúdo é elaborado de uma maneira que permite o aprofundamento de questões importantes para a sociedade como um todo. Esse é o papel da Universidade! Um ótimo exemplo foi a matéria sobre a Unidade Básica de Saúde (UBS) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, publicada em outubro de 2012 no encarte Caderno JU. Após um período de quase “imersão” na UBS, o jornalista Everton Cardoso conseguiu traduzir para os leitores a complexidade do trabalho realizado pela equipe de saúde no seu dia a dia. Nem sempre é possível apreciar esse tipo de sensibilidade nos meios de comunicação, especialmente quando o tema se refere a serviços públicos de saúde no Brasil tidos, no senso comum, como pouco efetivos e desumanos. A reportagem teve ainda o mérito de mostrar que há locais em que é possível reverter esse tipo de pensamento e que instituições públicas da importância da UFRGS e do HCPA têm um papel fundamental no processo de qualificação do nosso Sistema Único de Saúde.

Parabéns a toda a equipe do Jornal!

► Prof. Francisco Arsego de Oliveira,
Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina

Artigo

Planejamento territorial ainda não é prioridade

A redemocratização do Estado brasileiro e a estabilidade econômica a partir do final da década de 80 significaram, entre outros avanços, a possibilidade de se retomarem as atividades e a dimensão territorial do planejamento. Os resultados vêm se concretizando em estudos, planos e políticas territoriais em todas as esferas da administração pública e também em pesquisas nos meios acadêmicos, desenvolvidas com a preocupação de compreender a dimensão territorial do planejamento.

A promoção do tema é, do ponto de vista dos que consideram o território uma categoria central de análise, motivo para celebração, pois se valoriza o local onde ocorrem as relações entre os diferentes indivíduos e grupos sociais. Por outro lado, os resultados obtidos nessas duas últimas décadas nos asseguram que ainda temos um longo caminho a trilhar para a afirmação do território na agenda governamental.

Em uma análise inicial, é importante observar que o atual processo de desenvolvimento é territorialmente concentrador, como ilustra a formação econômica e territorial brasileira. Também no Rio Grande do Sul temos uma grande concentração da população e dos meios de produção no entorno metropolitano. Assim, a valorização do planejamento territorial remete à preocupação com um crescimento mais equilibrado, que antecipe ações para a inclusão dos territórios à margem do processo de desenvolvimento, além de promover alternativas para problemas resultantes da concentração no território.

O planejamento territorial ainda não encon-

tra, no entanto, a devida prioridade na agenda governamental, e as iniciativas desenvolvidas não têm conseguido transpor a barreira entre o discurso e as práticas. As razões desse quadro podem ser mais bem compreendidas se fizermos um breve resgate de alguns aspectos que levaram ao desmantelamento do aparato estatal destinado ao planejamento territorial brasileiro, ocorrido principalmente nos anos 80, na chamada “década perdida”. Nesse período, houve uma intensa campanha em favor da diminuição do Estado, que assumiu um papel mais voltado ao controle e à regulação. As instituições dedicadas ao planejamento territorial que apresentavam sérios problemas de ineficiência e má gestão dos recursos públicos foram sucateadas e, mais tarde, suprimidas, como no caso – emblemático – das superintendências de desenvolvimento regional.

No que se refere ao RS, é correto afirmar que o Estado tem sido protagonista na realização de estudos, políticas e instrumentos de planejamento territorial. Da mesma forma, é assertivo afirmar que as instituições responsáveis pela implementação dessas políticas não têm tido igual sorte.

Convém assinalar que, tanto na esfera nacional quanto estadual, esse processo de desmantelamento não se restringiu às instituições, mas se estendeu também aos quadros técnicos, encarregados de manter viva a pauta do planejamento territorial. Mesmo após a retomada do planejamento, os quadros não foram renovados, e o tema foi sobrepulado pelo tratamento setorial que fundamenta a estrutura formal do planejamento no âmbito do governo.

No entanto, o quadro atual é de valorização do

planejamento territorial. No contexto nacional, tivemos a elaboração de planos para a faixa de fronteira, os territórios rurais e a recriação das superintendências de desenvolvimento. Mas a iniciativa mais representativa foi a elaboração da Política Nacional de Desenvolvimento Regional, que reacendeu o debate sobre a integração nacional. Atualmente, essa política está sendo rediscutida por meio de um processo de conferências estaduais, macrorregionais e nacional.

O Rio Grande do Sul, desde meados da década de 80, tem empreendido esforços para equacionar os problemas relacionados a seus desequilíbrios regionais. A precoce retomada do tema se deveu, em larga medida, à conformação da chamada Metade Sul, cujo movimento em favor da criação de um novo estado federado desafiou os governantes. Em seguida, tivemos a criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, que têm mantido viva a pauta do planejamento territorial, desempenhando um importante papel na mediação entre o governo e os atores regionais. Vale ainda mencionar o Estudo de Desenvolvimento Regional e Logística, publicado em 2006, que oportunizou a elaboração de um amplo planejamento com enfoque territorial e, a partir de 2011, a proposição de agendas territoriais de crescimento para as regiões menos desenvolvidas.

Entretanto, mesmo nesse ambiente positivo nas diferentes esferas de governo, muitas dessas iniciativas não conseguem se traduzir em resultados concretos no território. Para que isso aconteça de fato, três pontos, já abordados neste artigo, são centrais. O primeiro deles se refere ao envolvimento da

sociedade na construção das políticas territoriais. É mais do que evidente que não há mais espaço para soluções simplistas. Tanto o Estado quanto as regiões têm de aprofundar suas avaliações e estratégias de desenvolvimento para uma construção de soluções mais abalizadas e duradouras, que reflitam menos posições individuais e mais uma construção coletiva.

O segundo diz respeito à necessidade de uma efetiva organização das estruturas governamentais para o enfrentamento do tema do planejamento territorial. Não será possível construir alternativas para os territórios que rompem a lógica setorial do planejamento governamental se não tivermos instituições equipadas e profissionais capacitados para enfrentar o tema.

Em terceiro lugar, é fundamental enfatizar que o planejamento territorial tem de assumir um lugar de maior prioridade na agenda governamental, deixando de ser objeto de discursos de curto prazo e passando para o efetivo campo das práticas. Somente com uma sólida valorização dessa temática é que se evitará o agravamento das fragmentações territoriais no país.

Antonio Paulo Cargnin

Geógrafo da Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã, vencedor do Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional – 2012

Aldomar Arnaldo Rückert

Professor nos programas de pós-graduação em Geografia (POSGEA) e Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da UFRGS, pesquisador do CNPq

Memória da UFRGS

ACERVO LUME/UFRGS



1979

Bailarinas do Grupo de Dança da UFRGS em cena da coreografia *En Alongeant*, apresentada no Salão de Atos da UFRGS. A foto foi cedida pela professora aposentada da Escola de Educação Física da Universidade e coreógrafa do grupo Morgada Cunha. A digitalização e a divulgação da imagem resultam do projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte da ESEF.

Especialização

Cursos atendem às demandas da sociedade

Dos 22 cursos de especialização promovidos pela UFRGS que iniciam em 2013 três estão sendo oferecidos pela primeira vez: Estratégias e Relações Internacionais Contemporâneas, vinculado ao departamento de Economia e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas; e os cursos de Engenharia Elétrica para a Indústria do Petróleo e Gás Natural, e de Engenheiro Projetista de Válvulas para Aplicação Submarina, ambos oferecidos pelo Departamento de Engenharia de Produção e Transportes da Escola de Engenharia. Esses dois últimos resultam de parceria da Universidade com a Petrobras, através do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Promind), que tem por objetivo formar quadros para a indústria petrolífera. Os interessados em fazer o curso de Engenharia Elétrica para a Indústria do Petróleo e Gás Natural devem acompanhar a publicação do edital junto à página do Promind. O curso é destinado aos egressos das engenharias Elétrica, Mecatrônica e de Controle e Automação.

Na parceria com a empresa estatal de energia na realização de tais cursos, coube à Universidade a elaboração do projeto acadêmico e sua execução. O corpo docente é predominantemente formado por professores da UFRGS, mas é frequente a participação de profissionais ligados ao Centro Nacional de Pesquisa da Petrobras ou de outras instituições com especialização nessa área.

Pioneirismo – O Instituto de Psicologia é uma das unidades acadêmicas da Universidade que mais promove cursos de especialização. O Instituto também é responsável por um dos cursos mais antigos: *Atendimento clínico*, criado em 1994. Esta especialização originou-se numa atividade de extensão dos anos



Os novos cursos, fruto de parceria entre UFRGS e Petrobras, vão formar quadros para a indústria do petróleo

80, direcionada aos recém-formados em Psicologia. Após terem passado pelo estágio clínico durante a graduação, essa extensão oferecia a eles a possibilidade de continuarem prestando atendimento por mais um ano, tendo o suporte da equipe de supervisão. “Era o embrião do que viriam a ser as residências”, acrescenta o coordenador do curso, Carlos Kessler, que viveu essa experiência como aluno.

Desde sua origem, o curso foi planejado para que pudessem ser abordadas as diferentes ênfases no atendimento clínico. Inicialmente, a oferta concentrava-se nas áreas de psicanálise e de terapia sistêmica de casal e de família. Posteriormente, começou a ser oferecida

também a ênfase de psicopedagogia clínica, e, mais recentemente, a de fonoaudiologia clínica. Com uma carga horária de 810 horas, devido especialmente à parte prática, o curso já resultou em 329 defesas de monografias nas diferentes especialidades.

Tendo como pré-requisito a graduação em Psicologia com experiência clínica prévia, a ideia da especialização é colocar no mercado de trabalho um profissional melhor qualificado: “A gente considera que essa formação com atendimento clínico é básica, não só para a atuação no consultório, mas para todos os tipos de trabalho nas instituições que estão sendo criadas, como postos

de saúde e empresas. A clínica é uma ferramenta básica para o psicólogo nas diferentes áreas de atuação”, justifica Kessler.

Ofertas – Na página da Pró-reitoria de Pós-graduação (www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/pos-graduacao/especializacao) estão disponíveis todos os cursos de especialização em andamento e também aqueles com início agendado para 2013. Em sua maioria, as aulas são realizadas na modalidade presencial, mas há opções na modalidade a distância, como os oferecidos pela Escola de Administração em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Infraestrutura

Restaurantes universitários

Segundo o vice pró-reitor de Assuntos Estudantis, Elton Luís Bernardi Campanaro, todos os cinco restaurantes universitários estarão funcionando a partir do dia 11 de março.

Durante o período de férias, enquanto os RUs dos campi Centro, Olímpico e da Faculdade de Agronomia ficaram fechados, seus frequentadores puderam fazer as refeições nos restaurantes dos campi da Saúde e do Vale, utilizando o transporte gratuito que realizava dois roteiros diários para atender

a cada um dos restaurantes.

Em média, os RUs da Universidade servem 127.715 refeições por mês, entre almoço e janta. No período de férias, entretanto, esse número cai para 34.570. O campeão no ranking de frequência é o RU3, do Câmpus do Vale, onde são servidas 4.063 refeições diárias.

Se tudo der certo nas licitações, a nutricionista do RU1, Cristiane Silva de Oliveira, informa que o cardápio terá inovações em 2013, especialmente nas variações de pratos de carne. Além dos

itens já servidos, Cristiane, que responde interinamente pela direção da Divisão de Alimentação dos RUs, diz que entre as novidades estão previstas: *paella*, espetinho, coração de frango e bolinho de peixe. Diariamente, os restaurantes recebem os cortes de carne e as hortaliças, e, semanalmente, são feitas as compras dos demais produtos para a produção dos cardápios.

Com relação ao número de restaurantes também haverá novidade: de acordo com a Superintendência de

Infraestrutura (Suinfra), até o final deste ano deve ser entregue à comunidade universitária o RU6, no Câmpus do Vale, com capacidade prevista para 2.500 refeições diárias. Quem estava esperando a reabertura do RU da Agronomia, fechado desde junho de 2012, encontrará o local com telhado novo e rede elétrica reformada, oferecendo maior conforto e segurança aos usuários. Especialmente destinado a atender aos moradores da Casa do Estudante das faculdades de Agronomia e de Veterinária, assim como

aos estudantes desses cursos, o RU da Agronomia tem capacidade para servir diariamente 602 almoços.

Para frequentar os RUs, o usuário deve portar o cartão de identificação, sendo que o custo por refeição varia conforme o tipo de vínculo: alunos incluídos no programa de benefícios pagam R\$ 0,50; demais alunos, R\$ 1,30; professores e funcionários, R\$ 1,75. Os restaurantes funcionam no sistema de *buffet* e o cardápio pode ser conferido diariamente pelo site www.ufrgs.br/ufrgs/aluno.

Mulheres da Terra

Feira comercializa alimentos orgânicos

Durante todo este ano, a UFRGS estará sediando a Feira Mulheres da Terra, que comercializa alimentos orgânicos certificados, produtos coloniais e artesanatos provenientes do assentamento Filhos de Sepé, em Viamão. A feira tem caráter itinerante e ocorre sempre no horário das 15h30 às 18h30, conforme o seguinte cronograma: terças-feiras, no Câmpus Central, entre o Contraponto e a Faculdade de Educação, e quartas-feiras, no Câmpus do Vale, defronte ao bar do Antônio. Pelo terceiro ano consecutivo,

a Universidade recebe os integrantes deste projeto que procura ampliar as perspectivas econômicas das mulheres do assentamento, buscando minimizar o êxodo rural e contribuir para a autoestima da comunidade. A iniciativa é uma realização conjunta do Núcleo de Economia Alternativa (NEA), do Departamento de Design e Expressão Gráfica (DEG) e do Laboratório de Otimização de Produtos e Processos (LOPP), com o apoio do Contraponto, entreposto de comercialização de economia solidária.

Recadastramento

Aposentados e pensionistas devem atualizar dados

Desde o dia 1.º de março, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão realiza a atualização dos cadastros dos aposentados e pensionistas da Administração Pública Federal. Pessoas que recebem sua aposentadoria e pensão pelo Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos (Siape) e os anistiados políticos civis (Lei 10.559/2002) devem comparecer às agências bancárias para realizar o recadastramento. O procedimento será

feito conforme o mês de nascimento do beneficiário: os aniversariantes do mês, se possuírem conta no Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal ou Banco de Brasília, devem comparecer à agência bancária da qual forem correntistas. Quem receba por outro banco, deve dirigir-se a uma agência das instituições citadas para realizar o recadastramento. Mais de seis mil agências estarão disponíveis no país para atender aos beneficiários. É necessário apresentar

documento oficial com foto (RG, Carteira Nacional de Habilitação) e CPF.

Para os beneficiários da UFRGS que não puderem comparecer a uma agência, o contato pode ser feito com a Pró-reitoria de Gestão de Pessoas pelo telefone (51) 3308-3045. Aposentados, pensionistas ou anistiados políticos civis que não realizarem a atualização cadastral terão o pagamento suspenso. A estimativa do Ministério é recadastrar cerca de 710 mil pessoas.



Pesquisa em Pauta

Gênero e Jornalismo: a narração do 'outro'

Ao abrir o jornal, assistir ao telejornal ou ouvir o noticiário no rádio, recebemos informações construídas por pessoas como nós: homens e mulheres inseridos em uma cultura e “alimentados” por ela. Sujeitos constituídos por seus valores e normas.

Para compreender quais as concepções de gênero dos jornalistas e em que medida elas interferem na produção das notícias, a jornalista Marcia Veiga da Silva fez a sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS (PPGCOM) *Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias*. Por três meses, ela acompanhou o trabalho da redação de um grande grupo de comunicação da região sul do país. Segundo Marcia, a inquietação para realizar esse estudo de campo surgiu ao perceber que “todos os dias os jornais e as revistas nos dizem como a gente deve se portar para ser homem, mulher, para envelhecer, ser criança... Há uma série de prescrições e de normas que acabam perpassando os meios de comunicação”. Seu trabalho recebeu o Prêmio Adelman Genro Filho, concedido pela Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), de melhor dissertação de 2011.

Na redação, a pesquisadora percebeu que na rotina do trabalho jornalístico os jornalistas expressaram seus juízos de valores e demonstraram suas concepções de gênero. “Todos esses valores que são parte dos sujeitos que ali estavam e parte da cultura eram acionados inconscientemente no modo de produção das notícias. Ou seja, cada vez que um jornalista olhava para uma realidade e ia narrar o ‘outro’, ele o fazia a partir desses valores”, relata. Assim, o jornalismo, por ser produzido por indivíduos que escrevem, editam e constroem notícias partindo de suas subjetividades, situa-se num ciclo vicioso: alimenta e é alimentado pela cultura que o cerca. Ocorre que, por vezes, esse profissional retrata o que vê como diferente e acaba por reproduzir e “naturalizar” essas desigualdades que por si só não são naturais.

Para Marcia, “não há uma fórmula” para que esse erro não se perpetue, porém “investindo na formação dos jornalistas e numa possibilidade de um exercício de alteridade, talvez houvesse mais escuta e surgissem novas possibilidades narrativas sobre esse ‘outro’”, sugere.

* Gabriella Padilha Scott, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico.

Assista aos programas

Para conhecer melhor a pesquisa de Marcia Veiga, assista ao programa *Pesquisa em Pauta da UFRGS TV*, que vai ao ar no dia 21 de março, às 20h e às 23h, no canal 15 da NET POA.



A política da riqueza

Sociologia
Pesquisadores
expõem os
mecanismos
que sustentam a
concentração de
capital e o aumento
das desigualdades

“Os ricos são diferentes de nós”, escreveu Fitzgerald em *The Rich Boy*, conto da coletânea *All the Sad Young Men*. “Sim, eles têm mais dinheiro”, respondeu Hemingway, anos mais tarde, no conto *The Snows of Kilimanjaro*.

A concentração da riqueza, um entre os fatores que diferenciam os mais ricos dos demais, é também elemento fundamental da injustiça e da desigualdade social. Essa é a premissa do livro *A sociedade justa e seus inimigos* [leia a resenha na pág. 12], lançado em dezembro do ano passado e que norteou esta matéria.

Organizada por Antonio David Cattani e Marcelo Ramos Oliveira, a antologia mostra que pobreza e riqueza são atributos ainda compreendidos como frutos da meritocracia e provenientes da capacidade individual. Existe, entre os dois conceitos, uma relação bidimensional, mas enquanto a classe pobre é amplamente estudada e analisada, as populações do outro extremo permanecem desconhecidas, resguardadas no anteparo oferecido pelo dinheiro.

“Eles [os ricos] não têm interesse em fornecer dados, a não ser os que possam ampliar seu prestígio social. As informações relevantes sobre as fontes de renda, sobre a verdadeira dimensão da riqueza ficam normalmente ocultas ou são subdimensionadas”, diz Cattani, professor do Programa de Pós-gradua-

ção em Sociologia da UFRGS. Ricos e pobres, entretanto, são as duas faces de uma mesma moeda, e para entender a base da pirâmide é indispensável conhecer o topo – os 10% da população que concentram 50% da renda.

Foi com esse objetivo que Marcelo Medeiros, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, desenvolveu a tese “O que faz os ricos ricos”, vencedora do prêmio de melhor tese de doutorado na edição de 2004 do Concurso CNPq-Anpocs de obras científicas e teses universitárias em Ciências Sociais. No trabalho, o professor parte das razões normalmente usadas para explicar a pobreza – número de filhos, educação, trabalho, remuneração – e explica que não é possível aplicá-las do modo inverso. “Nenhuma das explicações clássicas para a pobreza pode ser invertida para explicar a riqueza. Há muito mais do que educação, famílias pequenas e trabalho por trás da riqueza. Ao que tudo indica, esse tipo de desigualdade é explicado por fatores institucionais que regulam quem pode ter acesso a certos mercados e subsídios, quem é favorecido com obras públicas, quem recebe privilégios tributários etc.”, alega. Para Medeiros, “a concentração de renda e capital impede o desenvolvimento de uma sociedade menos desigual. Uma coisa é certa: por trás dos muito ricos está quase sempre o Estado, fazendo concessões, dando vantagens, pagando juros, perdoando dívidas, distribuindo benefícios. A contribuição do Estado para a formação de uma classe rica no Brasil é algo que atravessa os cinco séculos da nossa história”.

O sistema da dívida – Atualmente a sexta maior economia do mundo, o Brasil é também o terceiro país mais desigual. Programas políticos que visam à redução da pobreza exercem efeitos significativos entre a parcela mais pobre da população, como é o caso do Bolsa Família, que garantiu a ascensão social

a milhões de brasileiros desde que foi implementado. Entretanto, quando se trata de medir a desigualdade social de um país, o que conta não é a ausência de miséria, mas a distância entre os mais pobres e os mais ricos. Aqui, segundo dados apresentados no livro de Cattani e Oliveira, famílias em situação de extrema pobreza recebem em média 306 reais por mês. Ao mesmo tempo, a dívida pública federal consumiu 708 bilhões de reais em 2011 – dois bilhões de reais por dia destinados a um número reduzido de milionários do sistema financeiro e das grandes corporações.

E esse é apenas um dos fatores que evidenciam a profunda desigualdade social do Brasil. Existem mais. Para Eduardo Maldonado Filho, professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS, o próprio funcio-

O Brasil,
sexta
economia do
mundo, é a
terceira mais
desigual

namento do sistema capitalista opera no sentido da concentração: “Com a desregulamentação dos mercados, iniciada nos anos 1980, ampliaram-se as desigualdades sociais. As próprias políticas econômicas e sociais implementadas depois da vitória ideológica e política dos interesses do capital, as reformas neoliberais, aumentaram a concentração de renda e riqueza e, consequentemente, a desigualdade”.

Para entender a desigualdade vista no país hoje, é preciso lembrar que as políticas e relações de poder que sustentam a apropriação e a concentração de renda vêm se reproduzindo já há

séculos. “No Brasil, a grande propriedade e a posse de capital, mesmo tendo origem ilegal ou fraudulenta, sempre foram protegidas por mecanismos que asseguram privilégios. Na atualidade, o sistema da dívida, a estrutura tributária, as vantagens fiscais, a ausência de tributação sobre heranças e grandes fortunas perpetuam as desigualdades socioeconômicas”, explica Cattani.

O sistema da dívida de que fala o professor consiste na utilização do instrumento do endividamento público como forma de desviar recursos públicos. Vem acompanhado de juros altos, capital especulativo e um modelo econômico que confere o poder ao setor financeiro. “É o principal escoadouro dos recursos públicos que, de outra forma, poderiam ser canalizados para investimentos de interesse nacional”, afirma Maria Lucia Fattorelli, autora do artigo *Bolsa rica*, também presente no livro. Ela observa que o sistema opera segundo um padrão comum, como o acontecido em 2008: crise financeira provocada pelos grandes bancos privados internacionais; articulação dos bancos credores com o FMI; intervenção em assuntos nacionais internos; negociações que garantem a transferência de recursos públicos para os mesmos bancos que provocaram a crise.

O resultado é o uso do endividamento público como um negócio financeiro rentável para os bancos e danoso para a economia e a população dos países. Um dos exemplos dos privilégios garantidos pelo sistema da dívida é a Lei de Responsabilidade Fiscal, que prioriza os gastos com a dívida em detrimento daqueles com saúde e educação.

Justiça social – “É o Estado que estabelece as normas que vão definir facetas importantes da vida social e econômica. A tributação, a previdência, as políticas econômicas e financeiras nacionais e suas interconexões internacionais são dimensões que apenas o Estado pode implementar e direcionar de forma a

preservar privilégios ou, pelo contrário, a promover o bem comum”, escrevem os autores no capítulo que encerra *A sociedade justa*. Em outras palavras, o Estado pode favorecer uma elite minoritária ou pode promover a justiça social por meio de políticas que contribuam para a redução das desigualdades.

Japão, Estados Unidos e França são exemplos de países que, confrontando a elite econômica, estabeleceram impostos aos mais ricos. Os EUA aumentaram os impostos de 2% dos americanos mais ricos, aqueles com renda anual superior a 300 mil euros, e a França taxou em 75% os que ganham pelo menos um milhão de euros por ano. Acontece que a concentração da riqueza, além de corroborar a desigualdade social, acaba atuando também junto às esferas do poder. Isso porque geralmente há intersecção entre as elites econômicas e as elites de poder, de forma que, além de orientar os rumos da economia, essas elites também influenciam as decisões de Estado e a formação da opinião pública. “O poder político, em geral, é subordinado ao poder econômico. E uma das muitas consequências negativas disso é a existência de um alto grau de concentração econômica e o declínio da democracia”, observa Maldonado.

“Se esse poder não é bem distribuído, a tendência é ter o que temos no Brasil: com uma mão as políticas sociais fazem concessões pequenas aos mais pobres, com a outra, distribuem benefícios ao topo da pirâmide”, avalia Marcelo Medeiros. Em suma, o caminho para uma sociedade justa passa pela consciência e participação popular, mas também por mudanças de rumo nas políticas econômicas e tributárias, como a redistribuição de renda e a aplicação de uma auditoria rigorosa das dívidas interna e externa. “Em uma sociedade justa as pessoas precisam estar colocadas em primeiro lugar”, define Maldonado.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabc



Manila, capital das Filipinas, é um dos exemplos de economia em que as políticas e relações de poder sustentam as desigualdades



Para o professor Benamy Turkienicz, assim como as cidades do período colonial tinham um grande átrio, o projeto de Lucio Costa tem como centro os poderes político e religioso



FLAVIO DUTRA/JU

Simplemente única

Brasília

Livro registra a diversidade de opiniões sobre a cidade e os problemas contemporâneos

Samantha Klein

Brasília pode ser tratada como uma vitória do homem sobre a natureza ou é somente mais uma faceta da colonização, como ocorreu em outras regiões do Brasil? Por que ser monumental ao mesmo tempo em que é um singelo projeto em forma de cruz? Por que a cidade parece ser uma ode ao automobilismo? Algumas dessas e muitas outras questões são respondidas em *Brasília – antologia crítica*, obra organizada por Alberto Xavier e Julio Katinsky. Quase uma centena de textos foi selecionada num panorama de 50 anos para abranger a diversidade de opiniões e os estudos sobre a capital, construída tão rapidamente quanto nenhum outro município. “Procuramos dar vozes não só a autores nacionais, mas também a estrangeiros, em face do enorme interesse que o evento despertou entre os críticos do mundo inteiro de modo quase contínuo”, destaca Alberto Xavier, um dos idealizadores da obra.

Crença na moralização – Desde a primeira constituição republicana (1891), existia o projeto de interiorizar a capital brasileira e retirá-la da antiga Guanabara. Havia o mito de que a moralização da política estava ligada ao lugar. Perder de vista as luxúrias ligadas ao litoral poderia contribuir para o fim da corrupção. O

arquiteto Francisco Prestes Maia critica essa ilusão em artigo de 1957. “Uns descobriram que no planalto, pela virtude da altitude, todo mundo ficará ‘bonzinho’. Os políticos não farão mais tratantadas, os funcionários serão os primeiros a reclamar a hora do trabalho, os contínuos recusarão gorjetas, as moças recusarão empregos públicos, os estroinas esquecerão as ‘boites’, nos cassinos se jogará dominó e assim por diante”, ressalta no texto *Mudancistas e fiqúistas*, que abre a antologia. Isso que o arquiteto não viveu o suficiente para saber no que realmente se transformou a corrupção nos antros do poder político de Brasília, já que ele morreu cinco anos após a inauguração da cidade, em abril de 1965.

Velhos e novos problemas – Logo após o concurso que definiu como vencedor o projeto de Lucio Costa para a construção da nova capital do país, as críticas pipocaram entre arquitetos, urbanistas e sociólogos. A inovação era tamanha em construir uma nova cidade no meio do cerrado brasileiro, praticamente inabitado à época, que a repercussão foi maior do que a elevação da cidade de Chandigarh, na Índia, projetada na mesma época por Le Corbusier. Em um dos melhores textos selecionados, *Brasília – Prós e contras*, publicado dias antes da inauguração, Gilberto Freyre fala da enorme capacidade dos arquitetos e da beleza monumental das obras desenhadas por Niemeyer, mas contesta o valor gasto nas construções. Critica também a escassez de espaços para recreação e questiona o porquê de os arquitetos de inclinações socialistas construírem uma cidade nova para uma ordem burguesa antiquada. E completa dizendo que nas cidades mais antigas o problema de oferecer ao povo oportunidades de lazer diversificadas estava sendo estudado por sociólogos, higienistas e urbanistas, enquanto o projeto da capital quase ignorava o bem-estar social.

O professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS Benamy Turkienicz de certa forma concorda com o antropólogo. Ele observa que a organização nuclear das superquadras, em que deveria haver autossuficiência entre moradias e área comercial, acabou por demonstrar uma descontinuidade urbana e a falta de controle social, tornando Brasília pouco convidativa para os pedestres. “Lucio Costa previu o comércio no bordo das superquadras, sendo que as lojas estariam voltadas para as moradias. Porém, os comerciantes perceberam que o fluxo de veículos trazia consigo clientes potenciais e viraram suas portas para a via. Já o pedestre que quiser visitar um punhado de lojas que está em outra superquadra terá de se arriscar, passando por uma passagem de nível e carros em alta velocidade”, ressaltando que é um modelo diferente das cidades tradicionais, que geralmente concentram as pessoas nas vias principais.

Já o texto do historiador Mário Barata, intitulado *Ponto de vista de um brasileiro*, mostra que a nova cidade não seria um oásis no meio do cerrado, conforme criticavam. Apesar de a interiorização do Brasil na década de 1950 ter chegado somente a Belo Horizonte ou ao Triângulo Mineiro, o município se constituiria num centro propulsor pelas (futuras) estradas e a atração político-urbana, permitindo a descentralização e espalhando o crescimento demográfico. Barata alega que ninguém observou que, do ponto de vista da população que lá reside, a criação de Brasília não foi uma aventura. “A nova capital não foi criada num deserto real, mas no vértice potencial de uma expansão previsível e certa de população”, escreve. O que se concretizou bem além do previsto, que era para uma média de 700 mil habitantes, incluindo as cidades-satélite. Hoje, a Capital Federal tem mais de 2,6 milhões de moradores.

Mas a população sente o impacto de viver em Brasília. O alto custo sempre é

citado pelos novos e antigos habitantes. A jornalista Marina Fauth, que desde 2012 reside na capital da República, reclama dos meios de transporte público. “Moro na região sudoeste e não existe horário para pegar ônibus. Às vezes, aguardo mais de 40 minutos. Não há planejamento que resista a essa rotina incerta. Inevitavelmente, terei de comprar um carro”, lamenta, pois sempre preferiu andar de ônibus quando vivia em Porto Alegre.

Entre o Barroco e o Moderno – No artigo *Brasília barroca*, Alberto Moravia enfatiza a ambição da capital. O autor compara a cidade ao gigantismo das igrejas barrocas, sob a máscara de um pretenso funcionalismo. Ilustra com o Palácio do Congresso Nacional, em que destaca a altura desmedida das duas torres, postas em paralelo, de modo que as janelas laterais não teriam sol nem vista. O jornalista critica o “naturalismo

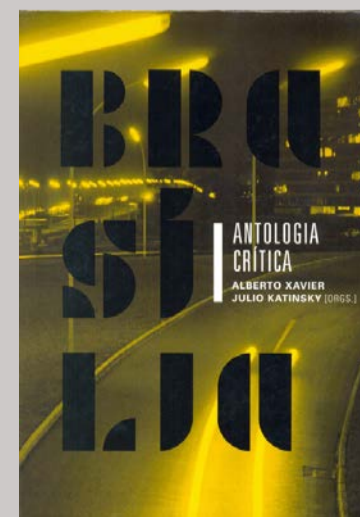
extravagante das duas gigantescas tigelas pousadas sobre o terraço do edifício horizontal e a grande passarela que leva ao terraço, ou seja, a lugar nenhum”, tendo apenas função decorativa.

Com outro ponto de vista, o repórter inglês David Crease acredita que a intenção de Lucio Costa era criar uma construção magnífica e emocionante, que não deixasse em ninguém a dúvida de estar no “coração de um grande país”, conforme escreve em seu texto *Progresso em Brasília*. Segundo Crease, a intenção do urbanista encontrou eco na simplicidade das formas propostas por Niemeyer.

Para Turkienicz, que viveu cinco anos no Planalto Central, o aspecto monumental não é um problema. Na visão do professor, o planejamento de Lucio Costa estava correto ao imaginar a enorme atração de pessoas para morar ou para participar de eventos, como a posse de um presidente.

Entrelinhas

A construção de Brasília em meio ao cerrado brasileiro se tornou a meta do governo JK. Três meses após a posse, Kubistchek ordenou uma corrida para a entrega em três anos, o que provocou a crítica do mundo inteiro. Assim, o livro reúne textos que chamam a atenção tanto de arquitetos e urbanistas como de todos os interessados em entender a Capital Federal. “O assunto envolve interesses relacionados à sociologia, à geografia, à economia, à política, à estética, à demografia, etc. Enfim, por se tratar de uma cidade e não de um edifício, não apenas de uma cidade nova, mas de uma cidade nova com a função específica de capital – esse arco de interesse é significativamente amplo”, relata Xavier.



Brasília – antologia crítica
Alberto Xavier e Julio Katinsky (orgs)
São Paulo, Cosac Naify, 2012, 472 páginas. R\$ 82 (valor médio)



Passsei, e agora?



A estudante Aretha de Azevedo Claudiano dos Santos comemora a conquista da vaga no curso de Direito recebendo um beijo de sua mãe Natália

Ingresso

Vencida a etapa do vestibular, é hora de entender como a Universidade funciona e o que ela oferece aos estudantes

Novo ano, novos alunos. No primeiro semestre de 2013, a UFRGS dá as boas-vindas aos seus 3.500 bixos. Muitas dúvidas rondam os calouros sobre os mais diversos assuntos. Aos poucos, eles vão conhecendo o que a Universidade oferece: restaurantes, bibliotecas e estágios são alguns dos serviços e oportunidades, mas existe muito mais.

E tudo começa na matrícula, procedimento que o estudante realiza pelo Portal do Aluno, que “é o meio que criamos para ser a comunicação entre essa instituição e o aluno”, explica Denise Coutinho, diretora do Departamento de Controle e Registro

Acadêmico (Decordi). Nele estão armazenadas as informações sobre o curso, como o Histórico e o Plano de Ensino, e também atestados, comprovantes de matrícula autenticados, grade de horários, datas das próximas matrículas e o ordenamento (a ordem de prioridade de matrícula, que muda a cada semestre, conforme as notas do estudante). No primeiro semestre, essa ordem é dada conforme a classificação obtida no vestibular.

Ao término do semestre letivo, os alunos irão encontrar ali as notas das cadeiras realizadas, assim como será oferecida, em caráter facultativo, uma avaliação dos professores e das disciplinas cursadas. Para acessar o Portal é necessário entrar no site da UFRGS e, na barra superior, clicar no ícone “Aluno” e pôr o número do seu cartão/matricula e da sua senha (para gerar uma senha provisória é preciso telefonar para o Centro de Processamento de Dados - CPD pelo telefone 3308-5333).

Por ser um recurso indispensável e muito utilizado, é importante que o aluno se vá familiarizando com o Portal desde o início. Para realizar a primeira matrícula, por exemplo, pode-se consultar a seção Tutoriais/Graduação, em que há um roteiro

explicativo sobre esse procedimento, além de instruir sobre como funciona o ordenamento. “Criamos em 2009 o SOS Aluno, que foi feito para suprir essa busca no Portal, pois são muitas as informações. Ele funciona para quando o estudante estiver online e não souber onde procurar os dados”, explica Denise. Segundo ela, está sendo desenvolvido um novo Portal para ser acessado por dispositivos móveis, que deve entrar em funcionamento no decorrer deste ano.

Moradia – O estudante não residente na capital pode concorrer a uma vaga numa das três residências estudantis: a maior, na Av. João Pessoa, 41, com 396 alunos; na Av. Bento Gonçalves, 7.712, junto da Faculdade de Agronomia, com 102 alunos; e na Rua São Manoel, 573, atrás do Hospital de Clínicas, em que moram 42 alunos. Para quem não foi contemplado com uma das vagas e ficou na suplência, é oferecido o benefício do Auxílio Moradia, de 330 reais mensais. “Mas, ao conseguirem uma vaga na casa, param de recebê-lo”, explica Maria Conceição de Matos Braga, diretora da Divisão de Bolsas da Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAE). “Sendo da casa, podem tomar café da manhã, almoçar e jantar por

50 centavos a refeição no Restaurante Universitário (RU).”

Restaurantes – Os RUs estão localizados na Faculdade de Agronomia e nos Câmpus Centro, do Vale, Saúde e Olímpico. Para os alunos que fazem parte do programa de benefícios, selecionados conforme a sua situação socioeconômica, o valor das refeições é de 50 centavos. Em 2012, o subsídio alimentação foi utilizado por 1.889 estudantes. O aluno pode solicitar também o Auxílio Transporte, num total de 50 passagens para moradores de Porto Alegre e 100 para os que residem na Região Metropolitana.

Auxílios – A PRAE, antiga Secretaria de Assistência Estudantil, oferece algumas bolsas de auxílio financeiro para que o aluno possa custear sua vida acadêmica. “As inscrições para essas modalidades acontecem todas por meio de editais, disponíveis no site da PRAE – tanto as bolsas benefício quanto a moradia”, explica o pró-reitor de Assistência Estudantil, Ângelo Pereira da Silva. Os editais são lançados no início do ano e a solicitação pode ser feita pelo estudante tão logo ele efetue a sua matrícula. Mais informações relativas aos tipos de bolsas e ao

programa de benefícios podem ser obtidas diretamente na PRAE, que fica no Anexo 1 do prédio da reitoria. Há também as bolsas de Iniciação Científica e de Extensão, podendo ser remuneradas ou de caráter voluntário. O contato é feito junto às pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão por meio dos telefones 3308-3209 e 3308-3020.

Além dos RUs e da moradia, os alunos podem se candidatar às bolsas

Estágios – Para que o estudante adquira alguma experiência antes de entrar no mercado de trabalho, a UFRGS oferece oportunidades nas mais diversas áreas, sendo que a maioria exige 20 horas semanais de atividade, com horários flexíveis para que o aluno possa ajustar ao cronograma de suas aulas. Os requisitos para que se possa estagiar são determinados pela Comissão de Graduação de cada curso, como, por exemplo, o número de créditos que o aluno está cursando. Para obter mais informações sobre as possibilidades de estágio, deve-se entrar em contato com o DEMA/Decordi, localizado no Anexo I da reitoria, no Câmpus Centro, pelo telefone 3308-3371 ou pelo e-mail estagios@prograd.ufrgs.br.

Apoio pedagógico – Já a Pró-reitoria de Graduação dispõe de programas com o intuito de reduzir a evasão dos alunos nos cursos. São os chamados Programas de Apoio à Graduação: PAG 1, PAG 2 e PAG 3. O primeiro, promove ações preventivas para reduzir a evasão na graduação. O segundo, oferece aulas de reforço, oficinas e palestras de português, cálculo/matemática, química, física, inglês e produção de textos acadêmicos e científicos. São atividades disponibilizadas gratuitamente e realizadas aos sábados. O último, que se encontra em fase de implantação, apoia propostas de inovações pedagógicas que ampliem a motivação para o aprendizado dos estudantes, sinalizando caminhos para novas formas de estudo e de ensino. Mais informações no site da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), www.prograd.ufrgs.br/aluno.

Manuela Martins Ramos, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Acordo adiado

Os brasileiros, enfim, terão um fôlego de três anos para adaptar-se às novas normas da língua portuguesa. O Decreto 7.875/2012, publicado no Diário Oficial da União, ampliou o período de transição até 31 de dezembro de 2015. Até lá, coexistirão a norma ortográfica em vigor e a nova norma. Sugere-se, contudo, que se use, na feitura de um texto, ou a norma ortográfica anterior ao acordo ou a nova, mas não ambas.

*

Pode-se dizer que o acordo ortográfico seria bem mais interessante se tivesse tomado o usuário da língua por referência. Esse ponto de vista deixa

implícito outro: a língua portuguesa da gramática não pertence ao universo existencial dos usuários, à zoosfera oxigenada dos falantes, mas ao Pico da Neblina dos iniciados acadêmicos. Uma seita em que os mestres têm as classes gramaticais da sabedoria, enquanto os reles mortais quase alfabetizados peregrinam pela existência à sombra da sintaxe perfeita, dos paralelismos majestosos, das concordâncias superlativas. A agulha da bússola científica condena todo o simples ao complexo; é necessário, pois, se construir uma ponte entre o povo e o “conhecimento” da língua para que aquele ao menos possa contemplá-la, como um popular observa no detalhe a obra sendo feita na via pública.

Não raro encontramos ousados equilibristas

atravessando esse abismo das diferenças – dos usos da língua. São desventurados, como Lima Barreto, e seu Policarpo Quaresma a preconizar o tupi-guarani como nossa língua legítima, e quem sabe sem problemas gráficos e de autoestima; ou um Qorpo Santo das Relações Naturais, que há mais de cem anos pleiteava uma reforma radical da língua que legitimaria os usos de muitos desses quase alfabetizados dos índices oficiais da elite bem falante. E em 1868 publica a sua *Ensiqlopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade*, seguindo a sua proposta ortográfica. Detalhe: ambos acabaram em manicômios.

Deixe-se claro, também, que não se está afirmando que os componentes dessa elite sejam prolixos e grandiloquentes, pois na terra dos reis

nus tudo é uma questão de marketing. Muito aquém do certo e do errado, nos modos de fala há inerentes uma história, uma cultura, uma ideia de mundo próprias. Como não os tomar como objetos (riquíssimos) de estudo? E a educação estará apta para analisar os fenômenos e os usos legítimos(!) das linguagens dos diferentes agrupamentos que compõem a nossa nação? E mais, onde ficam as culturas tupi, guarani e a de todos os seus troncos e ramos que não estão em nossos currículos, ou estão como uma alegoria colonialista? Se a escola insiste em “transmitir” conhecimento, que se economize e se passe a utilizar as ondas de rádio ou televisão, que para isso mais do que bastam. Se queremos produzir pensamento, cultura, o verbo é outro.



Máquina de criptografia Enigma A2200 foi criada pelos alemães e teve suas mensagens decifradas pelo matemático Alan Turing



Código da derrota nazi

História

Universidade adquire máquina utilizada pelos alemães durante a II Guerra Mundial

Samantha Klein

Os historiadores calculam que a descoberta do código das máquinas Enigma pode ter encurtado a II Guerra Mundial em dois anos e poupado a vida de 22 milhões de pessoas. Essa estimativa mostra a importância do legado de Alan Turing para a Ciência da Computação e a História, já que o conflito entre o Eixo e os Aliados poderia ter sido ainda mais devastador. Em âmbito local, a Universidade comemorou no ano passado o centenário de Turing e conseguiu adquirir uma raridade: uma Enigma A2200, utilizada pela Luftwaffe nazista, além do rotor de uma das máquinas que esteve no iate Grille, de Hitler.

Ciência e comunicação – Até hoje a comunicação é uma arma de guerra. As forças armadas se movem orientadas por ordens de ataque e informações estratégicas. Assim, os nazistas perceberam o potencial da utilização das Enigmas em conflitos no final dos anos 20. A criptografia – escrita escondida – foi decisiva para a transmissão de mensagens entre as bases da Marinha, Aeronáutica e Exército alemão para invadir países sem que os Aliados rastreassem seus passos.

Porém, o gênio da matemática Alan Turing, considerado o pai da computação, conseguiu decifrar os códigos. Para isso, ele partiu de um postulado de David Hilbert, em que o matemático

dizia que todos os problemas poderiam ser resolvidos. Por sua vez, o cientista da computação percebeu que era necessário um equipamento para decifrar com rapidez o grande número de dados que circulavam. Com a idealização da máquina universal de Turing, seria possível decodificar qualquer problema computável. Já o grupo de criptoanalistas de Biuro Szyfrów, na Polônia, desenvolveu as “bombas criptológicas” para auxiliar na decodificação.

Com a invasão da Polônia pelos nazistas, Turing foi um dos primeiros a migrar para a Inglaterra e se instalar em Bletchley Park, antiga base militar secreta na qual eram decifrados os códigos alemães durante a II Guerra. O objetivo do matemático e de sua equipe era a criptoanálise dos códigos nazistas. Com a construção do Colossus, precursor dos computadores digitais – máquina que podia processar milhares de caracteres por segundo –, houve o impulso fundamental para a decifração dos códigos da Enigma dos nazistas. “Passou a ser impossível o trabalho do criptoanalista somente com lápis e papel. Um equipamento teria de tratar dados e instruções da mesma forma. Os pesquisadores perceberam que era possível descriptografar os códigos dentro da própria mensagem. São as chamadas chaves”, relata Dante Barone, professor do Departamento de Ciências da Computação da UFRGS.

Segundo historiadores, a Polônia já teria conseguido quebrar os códigos da Enigma no início do conflito, mas as mensagens cifradas foram ficando cada vez mais complexas. Como as chaves mudavam diariamente, assim que a equipe de Bletchley Park as decifrava, os planos eram descobertos. Entre as informações decifradas, estão os detalhes da operação alemã de invasão da Dinamarca e da Noruega (em abril de 1940) e da Batalha da Inglaterra, na qual as mensagens puderam ser lidas, mas não a tempo de a informação ser inteiramente

processada pelos serviços de inteligência. Segundo o professor do Departamento de História da UFRGS Mathias Luce, a partir de 1941 é que a quebra dos códigos realmente trouxe desdobramentos reais aos Aliados. “A criptoanálise foi útil nos combates ao exército de tanques de Rommel, no Norte da África, conferindo vantagem aos Aliados. No mesmo ano, a derrubada do código utilizado pelas forças nazi na Enigma naval permitiu aos Aliados anteciparem a movimentação dos submarinos alemães, protegendo a esquadra britânica e posições estratégicas, elegendando rotas alternativas, na luta pela supremacia no Atlântico Norte.”

Estima-se que até 200 mil Enigmas foram usadas no conflito

Com a divulgação da criptoanálise de telegramas dos nazistas somente em 2012, descobriu-se que o Dia D – desembarque das tropas do Canadá, EUA, Reino Unido e França livre em 6 de junho de 1944 – teve o histórico desfecho em função do trabalho da equipe de Turing. “O serviço de inteligência britânico, com o agente duplo ‘Garbo’ infiltrado entre os nazistas, fez com que as forças hitleristas acreditassem que a ação do Dia D seria em Pas-de-Calais, e não na Normandia. Esse fator surpresa foi determinante para o desfecho do conflito”, ressalta Mathias.

Invenção tinha outro objetivo – A máquina, que foi patenteada por Arthur Scherbius em 1918, era comercial e tinha fins estratégicos, mas bem distantes dos

campos de batalha. “Ainda existem cópias dos panfletos que diziam aos empresários que utilizassem a Enigma para proteger as comunicações entre a matriz e a filial. Os anúncios ainda falavam em 800 mil possibilidades de criptografia de dados. Hoje sabemos que era utilizado o chaveamento de códigos binários, só que os nazistas perceberam o potencial, se apoderaram da tecnologia e tornaram as Enigmas ainda mais complexas”, diz Ivan Boesing, aluno da pós-graduação das Ciências da Computação da UFRGS, que foi a Vermont, nos EUA, para trazer o exemplar para a Universidade e teve lá treinamento para operar a máquina.

Na época, Scherbius fundou uma empresa com Richard Ritter e procurou a Marinha alemã para oferecer o equipamento, mas os oficiais não acharam necessário ter a Enigma. Somente no final da década é que a Kriegsmarine adotou o sistema de criptografia de dados, assim como o Exército alemão em 1928. Estima-se que até 200 mil máquinas foram produzidas para uso nazista.

Segurança e furo – O sistema das Enigmas parecia ser indecifrável, e a crença seguia entre os nazistas. A máquina tinha quatro componentes: os rotores, um painel luminoso, o teclado e um painel de conectores. Como as forças armadas recebiam todo mês uma tabela para configurar o equipamento com aparência de uma máquina de escrever, as variações poderiam chegar à casa dos seis zeros, por isso o desafio em decifrar os códigos.

Assim, com a mensagem em mãos, um operador digitava e no painel aparecia outra letra correspondente. Um segundo soldado anotava as letras codificadas para compor o texto. Com o resultado criptografado, a transmissão era feita via rádio em código Morse. No destino, o soldado anotava e fazia o processo inverso na Enigma.

Mas foi a reconhecida organização dos alemães, aliada a vícios dos soldados,

o que permitiu a quebra do sistema de comunicação cifrada. Todos os dias, os nazistas repassavam a previsão do tempo de uma base a outra, o que fez com que a equipe de Turing testasse palavras como Zeit (tempo). “Também havia o teste de certos palavras, e quando os encontravam, testavam aquele posicionamento para decifrar toda a mensagem. E diariamente era necessário fazer esse processo. A descoberta dependia da dica correta. Se houvesse uma palavra certa, a bomba criptológica conseguia decodificar o restante da mensagem”, relata Boesing.

Segredo desvendado – Conforme informações de colecionadores e do Departamento de Ciência da Computação, a UFRGS é a única universidade no mundo a ter uma máquina como esta.

Depois de mais de um ano de negociação e custo de R\$300 mil, os alunos poderão utilizar para o aperfeiçoamento em disciplinas. “É um esforço para decifrar códigos de uma forma mais robusta e consistente. Foi a partir de máquinas como essa que muitos dispositivos ancestrais da computação foram desenvolvidos, justamente para decifrar esses códigos, o que se tornou a base do que temos hoje. Por isso, sem dúvida alguma, dispor de uma Enigma como esta é um referencial muito importante”, diz o professor Dante Barone, lembrando que somente foi possível conseguir a raridade por causa do envolvimento com o comitê internacional que organizou as atividades em comemoração ao centenário de Turing.

Já para a formanda Thais Krischer, a máquina poderia ter chegado um pouquinho antes. Em janeiro ela apresentou seu trabalho de conclusão de curso sobre a Enigma. “Eu sonhava com ela, via seu funcionamento, a mudança das chaves e rotores. Fiquei emocionada em vê-la – uma coisa é ler e ver nos livros, outra é estar ao vivo diante da máquina que pertenceu aos nazistas”, relata.



FLÁVIO DUTRA/VIU



Natália Reisdorfer,
aluna de Design
Visual, trabalha com
webdesign de objetos
de aprendizagem no
Núcleo de Tecnologia
Digital Aplicada à
Educação (Nuted)

Só tecnologia não basta

Licenciaturas

A utilização de computadores em aula contrapõe-se à falta de docentes aptos a usá-los como estratégia de ensino

Jacira Cabral da Silveira

Há muito o giz e o quadro negro vêm sendo driblados pelas novas tecnologias que chegam à escola com promessas de um ensino diferente, por sua linguagem conectada com os 'nativos digitais', que nasceram e cresceram com os aparatos digitais presentes em suas vidas e quase não usam papel para escrever, mas computadores e smartphones.

Nesse contexto, 22 mil tablets serão distribuídos neste mês aos professores de ensino médio das escolas estaduais gaúchas para a utilização tanto no planejamento das aulas quanto na elaboração de materiais para uso com os alunos. Há mais tempo, 2.094 escolas estaduais foram equipadas com Laboratórios de Informática (LIs). Enquanto isso, as escolas da rede privada começam a selecionar professores fluentes digitais e a inserir tablets na lista de material de seus alunos.

De acordo com a Coordenadoria das Licenciaturas (Coorlicen) da UFRGS, a Universidade coloca no mercado de trabalho anualmente uma média de 480 professores, oriundos de 17 cursos de licenciatura, incluindo os cursos a distância. Entretanto, embora esses jovens profissionais já dominassem as tecnologias digitais quando ingressaram na faculdade, nem todos tiveram a oportu-

nidade de estudar mais profundamente o uso das mídias digitais voltadas à prática educativa – capacitação que, para muitos especialistas, é indispensável na atual realidade escolar.

Algumas licenciaturas, como a em Química e a em Artes Visuais, apresentam em seus currículos disciplinas que abordam o tema, mas é o curso de Pedagogia que oferece maior número de possibilidades: Projetos de aprendizagem em ambientes digitais; Computador na educação; Mídias e tecnologias digitais em espaços escolares; Mídias, tecnologias digitais e educação; Acessibilidade e tecnologias assistivas na educação inclusiva; Software livre na educação. Muitas delas, oferecidas como eletivas, representam em média 30 horas/aula, valem de dois a três créditos e podem ser cursadas por alunos de qualquer licenciatura.

Oferta – “É impossível conceber a formação de um futuro professor sem a abordagem das tecnologias na educação, especialmente o uso do computador”, defende a coordenadora do Núcleo de Tecnologia Digital Aplicada à Educação da Faculdade de Educação (Faced/UFRGS), Patrícia Behar. Para ela, as licenciaturas podem contribuir para mudar a situação que seus alunos encontram nas escolas em que fazem estágio: “Faltam recursos humanos para trabalhar nos (e com os) laboratórios de informática”. Realidade que acaba por transformar alguns destes em salas ociosas, com restrições de uso e falta de manutenção.

O relatório de um dos alunos do Curso de Especialização em Gestão Escolar da Faced/MEC, polo Santana do Livramento, ministrado em 2012, ilustra esse descompasso e as consequências do despreparo de professores para o uso das tecnologias disponíveis nas escolas. Como vice-diretor da Escola Estadual de Educação Básica Dr. Lauro Dornelles, Assis Odilon Araujo Magalhães, procurando saber a frequência de uso dos Lis

pelos professores de sua escola, em Alegrete, apurou uma contradição: “A maioria respondeu que os usa em suas aulas na educação de jovens e adultos, embora os laboratórios permaneçam desligados a maior parte do período letivo”.

Preocupado com os altos índices de abandono e evasão na EJA, o professor lamenta tal relutância de seus colegas, pois acredita que “a implantação das novas tecnologias poderá ser um atrativo ao currículo escolar, mantendo esse aluno motivado por mais tempo na escola”. No entanto, adverte: “É necessário termos professores orientados e preparados para atuar nesse sentido, aceitando vencer o desafio de agregar ao seu fazer pedagógico esses instrumentos de aprendizagem”.

Disciplinas sobre o emprego da tecnologia digital no ensino ainda são escassas

Uso pedagógico – “Pra quê?”, foi a pergunta que Patrícia Behar fez à escola de sua filha quando leu a lista de material escolar para aquele ano: 1 tablet. “Qual é o projeto pedagógico para esses tablets?”, perguntei à professora. “Esses equipamentos estão entrando nas escolas sem projeto pedagógico nenhum”, critica.

Há 16 anos ministrando a disciplina *Computador na Educação*, oferecida aos alunos das licenciaturas como eletiva, ela considera indispensável o uso das tecnologias digitais na escola, mas alerta para a importância de haver a definição de uma proposta pedagógica para o uso de tais

equipamentos: “Qualquer tecnologia que surgiu ao longo dos anos oferece muitos recursos, principalmente o de interação, mas o computador pode ser usado da forma mais arcaica possível”, ressalta. “Os professores podem usar softwares livres, mas o uso, mais ou menos adequado pedagogicamente, vai depender de suas concepções de aprendizagem”, pondera.

Para desenvolver esse olhar mais pedagógico na hora de usar as tecnologias na educação, é importante que o professor – ou futuros professores – tenha alguma noção de teoria epistemológica, de como o conhecimento se constitui. Nessa perspectiva, Marcelo Foohs, responsável pela disciplina *Mídias e tecnologias digitais em espaços escolares*, só passa para a etapa de construção de materiais (vídeos, blogs, etc.) depois de ter trabalhado com suas turmas as teorias de aprendizagem de Jean Piaget, Vygotsky e Albert Bandura.

Esse cuidado é especialmente indispensável, segundo Marcelo, para os oriundos dos cursos de licenciatura, pois os da Pedagogia já trabalham esse tema em outras disciplinas do curso: “Mas os alunos das licenciaturas, ainda que tenham cadeiras semelhantes, muitas vezes não prestam atenção e, quando vão preparar um material didático, carecem de embasamento teórico, de uma linha que oriente o desenvolvimento daquilo que desejam construir para suas aulas”, comenta com base no que observa em suas turmas, que reúnem estudantes de diferentes cursos.

Patrícia Behar concorda com Marcelo e arrisca dizer que as disciplinas sobre mídias, tecnologias digitais e educação deveriam ser obrigatórias para todas as licenciaturas. “Nosso grande problema na universidade é que as disciplinas que tematizam a tecnologia digital ou o computador na educação são escassas e não têm caráter obrigatório”. Ela diz que seus alunos gostariam que o tema fosse oferecido de forma evolutiva em diferen-

tes disciplinas: “A maior reclamação deles é não haver uma continuação”. Além de ensinar seus alunos a usar ferramentas livres, como editor de texto coletivo, e a criar páginas pessoais, entre outros materiais, Patrícia também desenvolve objetos de aprendizagem interativos com seus bolsistas e pesquisadores do Nuted.

Inclusão – Se “para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas mais fáceis, para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis”. Ao lembrar a emblemática citação de Mary Pat Radabaugh, diretora do IBM Centro Nacional de Apoio a Pessoas com Deficiência/EUA, a professora Lílania Maria Passerino justifica a criação de sua disciplina *Acessibilidade e tecnologias assistivas na educação inclusiva*, que começou a ser oferecida em 2012/1.

Conforme a professora do departamento de Estudos Especializados da Faced, com a intensificação das políticas de inclusão, é cada vez mais comum os professores encontrarem em suas salas de aula alunos com diferentes tipos de dificuldade ou deficiência. Situação que expõe a carência de “profissionais preparados para dar conta dessa realidade de escola inclusiva”, destaca a docente.

Uma das propostas de trabalho de sua disciplina – que abrange tanto desenvolver materiais com tecnologias assistivas quanto estudar estratégias de trabalho pedagógico para tais recursos – é propor aos alunos que digitem um texto com o monitor desligado após baixar um sistema gratuito para pessoas com baixa visão. “Acredito que certas tecnologias podem fazer a diferença para proporcionar uma maior autonomia para os deficientes visuais. Só que é íngave a importância e a responsabilidade do professor em promover a inclusão”, escreveu um de seus alunos no Fórum da disciplina depois de passar pela experiência de colocar-se no lugar de uma pessoa com deficiência visual.



Aulas de inglês grátis

Ciência Sem Fronteiras
Entre outras novidades de 2013, programa do governo federal distribuirá senhas para curso online

Jacira Cabral da Silveira

Até o final deste ano, estarão retornando os cerca de 15 mil estudantes que participaram da primeira edição do Ciência Sem Fronteiras (CSF), programa do governo federal criado em 2010, com duração prevista até 2014, e que pretende oferecer 101 mil bolsas a estudantes e pesquisadores no país e no exterior. A UFRGS é a segunda universidade brasileira em número de participantes do programa, logo atrás da USP. “Foi uma operação de guerra”, compara o presidente da Coordenação

de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Jorge Guimarães, ao descrever a correria para providenciar em um curto espaço de tempo os 1.500 passaportes e vistos dos primeiros embarques: “Isso em pleno dezembro!”, enfatiza. Tradicionalmente responsável pela maioria dos intercâmbios de estudantes brasileiros – nas modalidades graduação sanduíche, doutorado pleno, doutorado sanduíche, pós-doutorado e estágio sênior – a Capes segue mantendo papel fundamental em iniciativas como o CSF, que já repercute internacionalmente, apesar de haver ainda muito a ajustar na administração do programa. Jorge Guimarães falou com exclusividade ao JU a respeito do que já vem sendo feito e do que está por vir ainda este ano tanto para ampliar como para qualificar o CSF.

O que justificou o programa?

O Ciência Sem Fronteiras foi totalmente idealizado pela presidenta Dilma Rousseff, que achou que era o momento de impulsionarmos um programa com foco naqueles setores em que temos grande deficiência quantitativa no Brasil. Por isso o CSF foi desenhado para as engenharias e as áreas tecnológicas, incluindo outras básicas como, por

exemplo, as Ciências Exatas e algumas de interesse do país como as Ciências da Saúde e as Agrárias. Por outro lado, há uma forte demanda por parte das empresas por recursos humanos qualificados, especialmente nas engenharias. Atualmente, apenas 5% dos estudantes brasileiros estão matriculados em cursos de engenharia, enquanto nossos competidores – Coreia, China e Índia – têm 35% ou mais de seus estudantes nessa área. Mas o programa está colaborando para mudar esse quadro ao enviar nossos alunos para as melhores instituições de ensino do mundo. Ao mesmo tempo, queremos destinar esses estudantes mais para o setor industrial do que para o acadêmico. Hoje, 78% dos nossos diplomados na pós-graduação vão para o setor acadêmico. É um conjunto de desafios que fez com que a escolha das áreas tecnológicas fosse bastante óbvia.

Mas ocorreram algumas manifestações questionando a ausência de bolsas na área das Ciências Humanas.

Quando a presidenta decidiu que áreas deveriam ser privilegiadas, de maneira bastante enfática, ponderamos que deveríamos manter os programas já existentes com países como França,

Alemanha, Suécia, Espanha, Portugal, Canadá e Estados Unidos. Também mantivemos o nosso antigo programa Balcão, que chegou a ter 5 mil bolsistas por ano, incluindo a área das humanidades. A única reclamação que as Humanidades têm – e que é válida – é que o Balcão não inclui a graduação, só as outras quatro modalidades (doutorado pleno, doutorado sanduíche, pós-doutorado e estágio sênior). Recentemente, conversei com o ministro [de Educação] e mostrei o levantamento de quantos bolsistas a Capes financia especificamente nas humanidades, fora o CSF: são 2.500. Por isso, combinamos criar um programa voltado para essa área, incluindo a graduação, e pretendemos ampliar a oferta. Embora o pessoal reclame muito, até 2010 quase 40% dos bolsistas Capes no exterior era das Humanidades e das Ciências Sociais. Ou seja, as humanas foram muito atendidas por muitos anos, os não contemplados eram exatamente as áreas que agora foram selecionadas.

Quais as expectativas com relação ao Programa?

Focalizando mais as áreas tecnológicas para as cinco modalidades de bolsas, penso que criamos a oportunidade para que essas pessoas, ao retornarem ao país, tenham outras opções que não apenas o setor acadêmico. Por conta disso, as empresas aceitaram bancar 25% do total de recursos. Entraram no programa: a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Petrobras, a Eletrobras e a Vale. Como a Vale entrou depois, colocando mais mil, ficaram 101 mil bolsas do CSF. Ao mesmo tempo, estamos observando uma grande euforia tanto dos estudantes brasileiros como no âmbito internacional. Por isso acredito que o programa não vai acabar em quatro anos. Toda semana recebemos delegações de universidades, de governos, querendo participar do Ciência Sem Fronteiras. Ainda nesta semana [21 a 25 de janeiro/2013], recebemos representantes da comunidade europeia que já fez um acordo com a presidenta.

Um programa dessa dimensão, especialmente no âmbito da pós-graduação, pressupõe um mercado mais receptivo para esses profissionais. O que está sendo feito para atrair as empresas na contratação desses recursos humanos com formação de ponta?

De fato, persiste a falta de percepção da importância de doutores nas empresas. Está melhorando, mas ainda muito lentamente. O fato é que as empresas estão mais interessadas na graduação, porque ela oferece uma formação mais rápida, e é esse profissional que elas estão precisando.

Ideia é destinar maior número de diplomados para a indústria

De que forma estão sendo contempladas as pós-graduações?

Ainda em 2013, enviaremos às pós-graduações um documento dizendo que, para cada aluno que eles mandarem como doutorado sanduíche, ganharão mais uma bolsa no país, além de terem garantida aquela que foi para fora. Isso deve dar um grande incentivo ao doutorado sanduíche. A outra

providência que estamos tomando diz respeito ao pós-doutorado: definiremos uma cota para os cursos, ao invés de fazermos uma competição na Capes. Vamos acabar com isso e instituir uma cota como já fazemos no mestrado e no doutorado. Essas duas medidas devem estimular muito essas modalidades.

No que consiste o programa Talentos para a Ciência?

Trata-se de uma bolsa destinada a calouros para que eles tenham um ano de preparo a fim de concorrer a uma vaga do Ciência Sem Fronteiras. Em maio de 2012, fizemos o primeiro teste para os estudantes que começaram a receber essa bolsa em julho do ano passado e que vai até junho deste ano. Eles serão os candidatos para a próxima chamada do CSF. No teste não há prioridade de área, portanto tem muita gente das Humanas e das Sociais. Mas eles não poderão se candidatar ao programa, a não ser que se encaixem na Indústria Criativa, conforme prevê o edital. Cada universidade tem um coordenador para acompanhar esses alunos, que recebem o valor de R\$ 450 mensais. Os calouros deste ano vão fazer esse teste e quem alcançar 60 pontos em 100 poderá candidatar-se à bolsa. Mas é bem provável que a gente baixe um pouco essa média.

Doutorado sanduíche deverá ser estimulado com mais bolsas

Há também o Inglês Sem Fronteiras?

Até o final deste mês, colocaremos no ar 100 mil senhas para um curso online de inglês. E, em mais um mês, disponibilizaremos 1 milhão e novecentas mil senhas para um curso de inglês para todos os alunos das universidades federais e para os das estaduais e privadas que fizerem 600 pontos no Enem. E ainda vamos discutir uma alternativa para aqueles que não prestarem o exame. Essas senhas abarcarão também os professores do ensino médio. Atenderemos a um milhão de estudantes, 200 mil da pós e 600 mil professores. Nossa meta é chegar aos dois milhões e cem. E de graça! A empresa responsável pelo curso é a Cengage Learning, com longa experiência nesse setor. Como a Cengage adquiriu a National Geographic, e nós compramos a assinatura dessa revista para disponibilizá-la no portal da Capes, ganhamos 100 mil senhas. Agora, a fim de atingir os dois milhões de senhas, estamos assinando mais alguns produtos para receber gratuitamente mais um milhão e 900 mil senhas.

Hoje o CSF hoje está centralizado na Capes e no CNPq. As universidades não poderiam contribuir com o acompanhamento dos alunos, tendo em vista o grande número de estudantes que está sendo enviado para o exterior?

Permanecendo o Ciência Sem Fronteiras no próximo governo, isso que fazemos hoje quem irá fazer serão as universidades, através das suas colaborações já estabelecidas. Simplesmente nos dizer: “Temos 15 estudantes para mandar para a universidade da Califórnia”, por exemplo. Tudo bem, estão aí as 15 bolsas. Isso vai simplificar muito, potencializando as secretarias de cooperação internacional que as universidades mantêm. A evolução do CSF para a graduação é essa.

Presidente da Capes, Jorge Guimarães, este na UFRGS e disse que o programa deve se estender para além de 2014





Os imigrantes haitianos fazem parte do grupo de 23 trabalhadores contratados pela fábrica de massas Romena, em Gravataí, para ocuparem vagas não preenchidas pela população local

Em busca de um futuro melhor

Imigração

Haitianos que escolheram recomeçar a vida no Brasil revelam frustrações e esperanças

Há algum tempo, a maioria dos brasileiros não sabia muito sobre o Haiti. No entanto, ao longo da última década, essa situação mudou, ao mesmo tempo em que as relações entre Brasil e Haiti foram se fortalecendo. O intercâmbio teve início com o envio de tropas brasileiras para comandar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), em 2004, quando o país enfrentava a turbulência política provocada pela queda do presidente Jean-Bertrand Aristide.

Nos anos seguintes, a presença brasileira em solo haitiano procurou restabelecer a estabilidade política e auxiliar na reconstrução do país, atingido por sucessivos desastres naturais. O pior deles, o terremoto de 7 graus na escala Richter ocorrido em janeiro de 2010, destruiu cerca de 50% dos prédios da capital, Porto Príncipe, deixando mais de 200 mil mortos. A tragédia marcaria o início de uma nova fase na relação entre as duas nações. Desde então, o fluxo migratório se intensificou, e cerca de 5 mil haitianos já emigraram para o Brasil.

Além dos que vêm em busca de emprego, há ainda quem venha para estudar – só a UFRGS já recebeu 10 alunos intercambistas desde 2011 –, fazendo com que os brasileiros estejam cada vez mais acostumados a ouvir o creole (idioma oficial do Haiti, ao lado do francês). Nesta reportagem, apresentamos as histórias de alguns haitianos que fizeram do Brasil seu novo lar, em busca de trabalho e de uma vida melhor. Já na próxima edição do JU, iremos abrir espaço para aqueles que estão aqui de forma provisória.

Yo akeyi (Sejam bem-vindos) – O aumento da projeção internacional brasileira, somado às rígidas políticas de imigração aplicadas por Estados Unidos e Europa, tem atraído um número cada vez maior de imigrantes. Entre eles, estão os haitianos, que chegam principalmente pelo Acre e Amazonas, muitos de forma irregular. Foi assim que Aider Valcín (o mais alto na foto acima) entrou no país. “Eu vim porque o governo daqui deixou uma porta aberta para nós e se preocupou em nos legalizar. Se fosse a outro lugar e a imigração me mandasse de volta, teria prejuízo, pois para viajar é preciso juntar dinheiro.”

Apesar de possuir uma política de imigração mais branda que a de outros países, o governo busca combater a imigração ilegal. Em janeiro do ano passado foi estabelecido um limite de concessão de 100 vistos de trabalho por mês para haitianos que estejam no Brasil sem o documento. Também são fornecidos vistos na embaixada brasileira em Porto Príncipe, que autorizam a permanência em terras brasileiras por cinco anos para quem vier exercer atividades de trabalho regular. É o caso de Jonas Charles, que está aqui desde julho de 2012.

Jonas chegou ao Brasil atraído pela fama de “terra das oportunidades” que o país tem entre os haitianos. Deixou seu emprego e gastou R\$7 mil. Ele conta que no Haiti seu salário era maior, mas que veio pra cá por achar que seria um lugar melhor. “Não sei se valeu a pena, pois ganho muito pouco, trabalho muito e é um trabalho cansativo. A situação no Haiti está ruim, pois tem pouco serviço. Então, mesmo que aqui não esteja bom, lá está pior.” A opinião é compartilhada por vários de seus companheiros, que se arriscaram em uma vida nova longe de casa e tiveram expectativas frustradas. Apesar disso, pretendem continuar no Brasil. Jonas explica: “Acho que a gente estaria na mesma situação em outros países”. Camille Saintvilus, que também deixou seu emprego no Haiti, concorda com a análise do amigo. Para ele, a vantagem do Brasil é a paz: “Ganho menos agora, mas aqui tudo o que tenho de fazer é trabalhar, enquanto lá tive que

enfrentar guerra civil, terremoto, ciclone... É por isso que aqui é bem melhor: porque tem paz”.

Aider Valcín hoje trabalha na fábrica de alimentos Romena, em Gravataí, possui visto e documentos regularizados, mas antes disso passou por situações difíceis: “Eu vim ilegal, viajei em um avião da República Dominicana para o Panamá, e de lá fui de ônibus para o Acre em uma viagem que demorou três ou quatro dias”. No Acre, foi recrutado para trabalhar em Osório, onde permaneceu até que representantes da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do RS constataram que sua situação trabalhista estava irregular. Assim, veio para Gravataí, sendo contratado pela indústria de massas Romena.

Aider não é o único haitiano na empresa. Além dele, outros 23 estão contratados. Averdieu Dumarsais (sentado na foto acima), por exemplo, se orgulha dos conhecimentos adquiridos. Inicialmente alocado na produção, ele agora será transferido para outro setor. “Vou aprender a fazer pastel, vou saber fazer de tudo! Porque eu gosto de aprender”, diz satisfeito. Raquel Hubner, funcionária do departamento de Recursos Humanos, explica que a fábrica fornece moradia, e que os imigrantes ocupam vagas não preenchidas pela população local. Para Averdieu, a situação no Haiti também não estava boa. “Lá falta emprego. Por isso, precisamos ir a outro país na tentativa de arranjar trabalho para ter uma vida melhor. Imagine ter uma família para sustentar e ficar muito tempo sem conseguir emprego? Aqui recebemos pouco, mas trabalhamos.”

Rene Sorel (em pé, à direita na foto) está no Brasil desde o final de 2011, e se adaptou muito bem. Mora com a namorada brasileira, que conheceu na Romena, onde os dois estão contratados. Antes de vir para cá, viveu na República Dominicana, mas revela que havia muito preconceito por conta da relação conturbada entre os dois países. “Lá, se tu não tens nada, tu não tens valor. Já o Brasil é o melhor país do mundo para a gente vir. As pessoas são simpáticas, querem que a gente se sinta bem aqui, dão visto.”

Para ele, nosso país é melhor porque existe emprego, porém com o salário que ganha aqui poderia fazer mais coisas em sua terra natal: “Se passasse um ano trabalhando e juntando dinheiro no Haiti, conseguiria comprar um terreno e fazer a minha casa. Lá as coisas são mais baratas, mas não se tem a possibilidade de conseguir um bom emprego”, compara.

Apesar de se sentir acolhido, o que Rene menos gosta no Brasil é o modo como o Haiti é retratado pela imprensa. “Incomoda quando o meu país só é mostrado pela pobreza, pelos problemas. As pessoas são muito mal informadas! Já me perguntaram se eu passava fome. Se estivéssemos passando fome, não conseguiríamos vir para cá. Lá existem pobres e ricos, como em qualquer outro país. E, assim como eu vim ao Brasil para trabalhar, muitos brasileiros vão para outros países”, rebate.

Lavni (Futuro) – Mesmo estando bem em seu emprego atual, Rene tem planos para o futuro. O rapaz de 26 anos, que já trabalhou como guia turístico na Costa Rica (país vizinho do Haiti) e fala cinco idiomas (creole, francês, espanhol, inglês e português), pretende concluir o ensino

médio e cursar Engenharia Civil. “Não sei há outros haitianos aqui no Brasil que pensam como eu, mas penso em estudar. Com isso vou poder mudar de emprego, a vida vai melhorar pra mim.” Contudo, sabe que atingir esse objetivo não será tarefa fácil: “Entre 2014 e 2015 acho que vou começar a estudar. Até lá, sigo trabalhando porque preciso”.

Jonas também quer estudar e melhorar seus conhecimentos da língua portuguesa. “Quero fazer um curso de português, e assim conseguir um emprego melhor.” Entretanto, ele não tem como pagar pelo curso. “Se o governo do Brasil pudesse nos ajudar a estudar seria muito bom. Não devo ser o único a pensar assim, acho que muitos haitianos querem o mesmo”, argumenta Rene. Já Averdieu, que está aprendendo a falar inglês com René, tem outros planos para o futuro: “Quando conseguir a residência definitiva, quero visitar outros países. Afinal, quem não quer? Mas volto, porque gosto daqui. Os brasileiros têm me tratado muito bem, igual a todo mundo. Estou feliz aqui”.

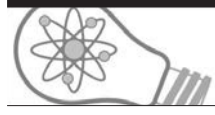
Bibiana Guaraldi, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico

Nostalgie (Saudade)

Mesmo que ainda estejam aprendendo a falar português, os haitianos que vivem em Gravataí já compreendem melhor do que muitos nativos o significado de uma palavra sem equivalente em nenhum outro idioma: saudade. Dizem que é a palavra mais bonita da nossa língua, mas quem sente sabe que é também a mais triste. Obenson Lima veio trabalhar no Brasil em setembro passado. “Tinha amigos que vieram pra cá. Agora pretendo trazer mais gente”, explica. Ele diz sentir-se bem morando no Brasil, mas suas maiores dificuldades são o idioma e a saudade. No Haiti ficaram sua companheira e três filhos, que planeja trazer para junto dele assim que tiver condições.

Esse também é o projeto de Marie France Dorlizier (a penúltima sentada à direita), que deixou marido e quatro filhos no Haiti. Ela planeja trazer todos para o Brasil, mas de maneira gradual. Preocupada com o futuro das crianças, Marie France conta que primeiro deve vir o maior, de 21 anos. Os outros, com idades entre os 7 e os 18 anos, poderão juntar-se a ela à medida que concluírem os estudos.

Para driblar a saudade, Jonas Charles tem em seu telefone celular um aliado. Nele, mostra com orgulho fotos da filha de 13 anos que deixou em sua terra natal. É também pelo telefone que Jonas fala com os familiares, mas as conversas sempre são curtas: para falar dois minutos, gasta cerca de treze reais.



Aposta na regeneração celular

Células-tronco
Pesquisadores estudam como aproveitar os dentes de leite para recuperar órgãos e tecidos

Samantha Klein

O que mães e filhos pequenos fazem com os dentes de leite quando começam a cair? Em vez de cumprir a antiga simpatia de jogar no telhado ou simplesmente guardar em uma caixinha que será esquecida em alguma gaveta, mais de 20 pesquisadores da Odontopediatria e da Faculdade de Farmácia da Universidade têm feito um pedido especial em prol da ciência. “Entreguem o dentinho para o dentista e não para a Fada do Dente!”. O motivo é o potencial que os dentes decíduos têm para os estudos com células-tronco.

Mundo de possibilidades – O uso de terapias com células-troncos avançam em áreas como a regeneração óssea e o tratamento de doenças como o diabetes. Mas institutos nacionais de pesquisa e universidades de todo o país mantêm equipes em contínuo esforço, já que existem muitos alvos a serem alcançados. Um dos principais é a autorização para a aplicação em humanos. No caso da UFRGS, um grupo formado por pesquisadores das faculdades de Farmácia e de Odontologia utiliza células-tronco mesenquimais de dentes de leite que poderão formar outras células e tecidos. Por enquanto, o grupo realiza pesquisas básicas com animais, mas os resultados são promissores.

Uma das possibilidades para a terapia celular poderá ser a regeneração óssea em pacientes que têm problemas ortodônticos ou defeitos ósseos. Por meio de pesquisas realizadas no Instituto de Pesquisas com Células-Tronco (IPCT) da UFRGS, observou-se que a aplicação dessas células em camundongos com defeitos na calota craniana mostrou uma recuperação óssea muito mais rápida.

A terapia poderá ser aplicada a pacientes com problemas ortodônticos ou defeitos ósseos

Por outro lado, para a odontologia pediátrica, a possibilidade de utilizar células com fins terapêuticos pode contribuir para o tratamento dos casos de trauma na dentição mista dos pequenos. “Na medida em que percebemos uma redução expressiva dos pacientes com cárie, notamos que os casos de tombos aumentam o número de pacientes com trauma na dentição. Assim que acontecem defeitos nos dentes permanentes ainda em desenvolvimento nas crianças, haverá interrupção do crescimento da raiz do dente. Portanto, o uso de células-tronco da dentição de leite

pode estimular o reaparecimento de vasos sanguíneos e odontoblastos no dente permanente”, destaca o professor da Odontopediatria da Universidade, Luciano Casagrande. Os odontoblastos são responsáveis pela formação da dentina, tecido conjuntivo que compõe o corpo dos dentes.

O uso dos dentes de leite também vai ao encontro do que podemos denominar de economia para a ciência. Ele elimina a necessidade de métodos invasivos ou causadores de dor ao paciente, como a retirada de medula óssea, em que o procedimento é feito em situações de necessidade e ainda dependem de compatibilidade entre doador e paciente. “Utilizamos outras fontes eliminadas do corpo humano ou animal, como a gordura lipoaspirada, a parede do cordão umbilical. Mas são justamente os dentes decíduos que mostram um enorme potencial de reprodução das células-troncos”, considera a professora Patrícia Pranke, coordenadora do IPCT.

As pesquisas irão contribuir para o tratamento dos casos de trauma na dentição mista de crianças

Nanotecnologia é diferencial – Os estudos com as células-tronco da primeira dentição não são exclusividade da UFRGS, mas a nanotecnologia é considerada um diferencial, segundo a pesquisadora. Ela conta que trouxe a técnica de *electrospinning* da Alemanha para impulsionar a investigação científica. A tecnologia consiste no “desenho” de moldes tridimensionais finíssimos nos quais são implantadas as células-tronco. Esses moldes são implantados, então, no tecido a ser regenerado. Por enquanto, a perspectiva é recuperar pequenos órgãos como ossos, nervos, pele ou cartilagens.

Assim que inserido no corpo do animal, as células se multiplicam e preenchem o espaço do molde. O material também se distingue de uma prótese artificial. De acordo com Patrícia, “a diferença entre a prótese de titânio e essas estruturas é grande. Elas são boas por serem biocompatíveis, mas não são biodegradáveis. Estamos construindo um molde que se degrade, compatível com o corpo, porque, à medida que as células-tronco tomam conta daquele arcabouço, a gente espera que reconstruam o tecido danificado, e esse material vai dar espaço a um tecido novo e natural. A meta é superar a prótese artificial”, sustenta.

Porém, ainda não há previsão para a aplicação dos testes em humanos. “A chance de que vá dar certo é grande, mas precisamos ter uma maior quantidade de trabalhos para sustentar essa evidência. É somente depois disso que poderemos pedir autorizações para partir para a pesquisa em fase clínica. Mas é importante lembrar que ainda precisamos analisar os efeitos colaterais, porque elas se transformam em outros grupos de células e, dependendo dos fatores que atuam sobre elas, podem inclusive se transformar em células malignas. Falta definir os protocolos de aplicação”, define o professor Luciano Casagrande.



FLAVIO DUTRA/JU

A bolsista de iniciação científica Janine Machado deixou de lado as férias para dedicar-se integralmente à pesquisa

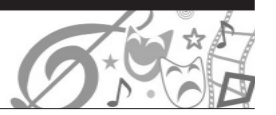
Estudo em fase de testes

As células-tronco são obtidas da polpa do dente de leite, material que se situa na parte interna da dentição. Essa polpa é vermelha e formada por vasos que irrigam os dentes, impedindo-os de “morrer”. Para que as células possam ser aproveitadas para a pesquisa, é importante que os dentinhos sejam extraídos. No caso de caírem antes da consulta dentária no ambulatório infanto-juvenil da Faculdade de Odontologia, o recomendável é que sejam conservados em leite ou água na geladeira e sejam levados ao dentista em menos de 48 horas.

Na Odontopediatria da UFRGS, os pacientes são convidados a doar o dente para a pesquisa, mas também podem resgatá-los depois que o material for encaminhado para o Instituto de Pesquisa com Células-Tronco na Faculdade de Farmácia. No laboratório, a polpa do dente é retirada e conservada em solução nutritiva para proliferar-se em local isolado a temperaturas muito abaixo de zero. A bolsista de iniciação científica Janine Machado ainda está na metade do curso de graduação, mas já dispensou as férias para se dedicar à pesquisa com células-tronco integralmente. Boa parte do seu tempo de trabalho no IPCT é dentro da sala isolada do laboratório. A estudante

acompanha a pesquisa de uma mestrandia que quer testar o congelamento de dentes decíduos para posterior retirada das células para terapia. “Estamos na fase de testes com congelamento do dente por dois dias em um freezer a -80 °C. Depois, por mais 48h, o material fica em um tanque de nitrogênio. Por enquanto, estamos testando as variáveis para depois congelar por mais tempo”, ressalta.

Mas trabalhar com a ideia de bancos de dentes de leite com a meta de utilizá-los para uma futura cura ainda é muito contestável, segundo o professor Luciano Casagrande. Ele diz que entre dez exemplares armazenados, somente de dois poderá ser retirado o substrato com as células-tronco. “Existe muita diferença entre fazer a retirada da polpa do dente logo após a extração e daqui a cinco anos. É um investimento para, quem sabe, talvez, um dia... Nada garantido”, afirma, criticando a prática que já tem caráter comercial em bancos privados, que, assim como os que guardam o sangue do cordão umbilical, podem estar vendendo ilusões. Nos Estados Unidos, Inglaterra e República Dominicana o congelamento de dentes de leite a um alto custo já existe.



A partir desta edição, o JU Indica amplia suas sugestões. Além de resenhas mais aprofundadas, daremos dicas de filmes e de lançamentos musicais, entre outros produtos culturais disponíveis nas diferentes mídias. Colaboradores também poderão frequentar esta seção por meio de comentários ou entrevistas especiais para nossos leitores. Na estreia desta nova proposta editorial, sugerimos a leitura de duas obras que versam sobre economia e uma terceira que aborda a questão da culpa sob a ótica da psicanálise.



A culpa à luz da Psicanálise

Julio Cesar Walz e Paulo Sérgio Rosa Guedes
Porto Alegre, Edição do Autor, 2012, 128 páginas
R\$ 50

Em *O Sentimento de Culpa*, os psicanalistas Julio Cesar Walz e Paulo Sérgio Rosa Guedes contrariam o senso comum ao tratar da culpa como uma causa, e não como consequência, além de colocar esse sentimento em posição oposta ao de responsabilidade pessoal. Esses conceitos são apresentados logo na introdução, como pressupostos ao entendimento da obra. Para os autores, o livro é um exercício para fazer o leitor “pensar em si mesmo como um ser responsável por sua vida, mesmo nas ocasiões em que se sintam vítima de algo ou alguém”, um auxiliar para os que buscam uma vida plena.

Repleto de citações e referências a autores ilustres, como William Shakespeare, Clarice Lispector, Friedrich Nietzsche, Marcel Proust e Sigmund Freud, o livro contém ainda relatos de situações vivenciadas por pessoas comuns. Esses recursos são utilizados para exemplificar as ideias expressas pelos autores, auxiliando sua compreensão. Isso é feito, por exemplo, no primeiro capítulo, *O sentimento inconsciente de culpa*, quando é usada a célebre frase extraída de Ricardo III em que o rei referenciado no título exclama que trocaria seu reino por um cavalo. Analisando o excerto da tragédia de Shakespeare, os autores concluem que “Ricardo III vislumbra, mesmo sem ter claro o que dizia, que trocaria todo o seu pretense poder pelo talento e pela capacidade instintiva livre do cavalo”.

A sensação de poder, aliás, teria forte relação com o sentimento de culpa, pois, ao encará-la como consequência de algo que tenhamos feito ou deixado de fazer, estaríamos supervalorizando nossos atos. A dor decorrente de perdas ou o remorso sentido por algo que preferíamos ter feito de outra maneira não levam necessariamente ao sentimento de culpa – nesse ponto se diferenciariam a culpa e a responsabilidade. Quando, diante do sofrimento, aceitamos que agimos da forma como nos foi possível e seguimos em frente, está sendo vivenciado o sentimento de responsabilidade. Já o sentimento de culpa, em vez de manter o foco no presente, volta-se para o passado, em permanente evocação do que poderia ter sido, impedindo o aprendizado e o desenvolvimento pessoal.

Prosseguindo no exercício para usufruir plenamente a vida, o livro aborda também a incompatibilidade que existiria entre a culpa e o amor. Segundo os autores, o amor seria um “tributo” que o enamorado deve pagar ao mundo para se reconciliar com ele. No entanto, essa “dívida” nada teria a ver com a culpa, uma vez que esta manteria o foco no passado, em oposição ao amor, que deve ser permanentemente esculpido para que cumpra sua função prazerosa e libertadora.

Nesta terceira edição revista e ampliada, há ainda um último capítulo, ausente nas edições anteriores. Trata-se de uma síntese das ideias expostas ao longo do livro, acrescentada pelos autores com o objetivo de facilitar ao leitor a compreensão do significado do tema central da obra. Encerra o livro a reflexão de que, mesmo que trate de culpa e responsabilidade, este é um estudo sobre amor e poder, pois “eles, como a culpa e a responsabilidade, são absolutamente autoexcludentes. O amor nos torna inexoravelmente responsáveis; o sentimento de culpa, ilusoriamente poderosos.” (Bibiana Guaraldi)

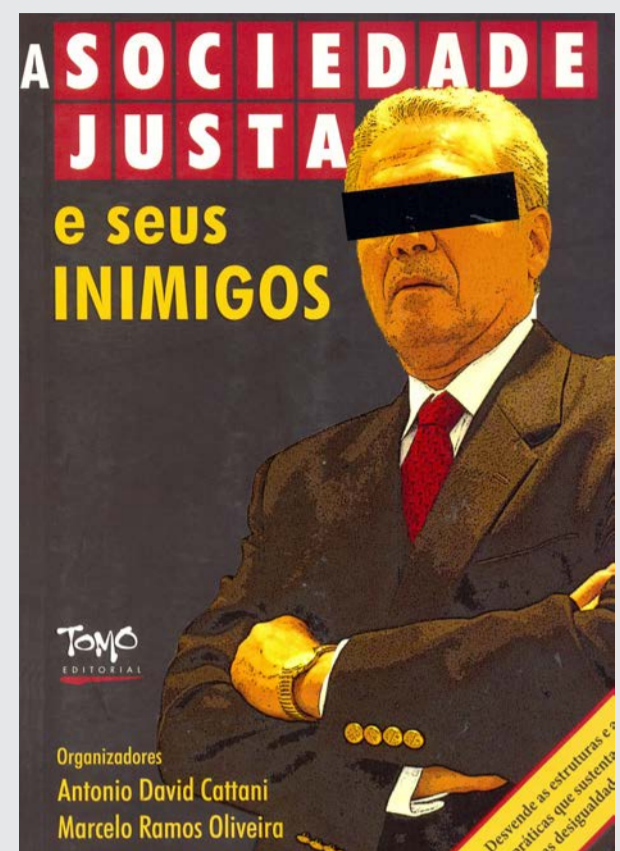
Distante da justiça social

Antonio David Cattani e Marcelo Ramos Oliveira (orgs.)
Porto Alegre, Tomo Editorial, 2012, 184 páginas
R\$ 33 (valor médio)

O economista brasileiro Edmar Bacha, no início dos anos 1980, criou o termo “Belíndia” para definir o Brasil: uma minoria vivendo nos padrões da Bélgica em contraste com uma massa vivendo como os pobres da Índia. Trinta anos depois, ainda que possa soar excessivo, o vocábulo continua apropriado. Com base nessa constatação, *A sociedade justa e seus inimigos*, antologia organizada por Antonio David Cattani e Marcelo Ramos Oliveira, busca desvendar as origens e explicar as práticas por trás da desigualdade social no Brasil. Com a marca de 0,56, o país tem o 3.º pior índice Gini do mundo (coeficiente que varia de 0 a 1 e no qual 0 seria a perfeita igualdade na distribuição de renda).

Dados apresentados no livro mostram que famílias em situação de extrema pobreza recebem, em média, R\$ 306 por mês no programa Bolsa Família. Ao mesmo tempo, a dívida pública federal consumiu R\$ 708 bilhões em 2011, equivalente a R\$ 2 bilhões por dia, distribuídos a um número reduzido de grandes milionários, principalmente do sistema financeiro e das grandes corporações – é a chamada *Bolsa Rico*. A partir de exemplos como esse, os autores explicam que, para demonstrar o nível de desigualdade de uma sociedade, o que conta é a distância entre os polos da pirâmide social. Não importa que todos os habitantes de um país vivam acima da linha da pobreza: o que determina a desigualdade é a distância entre a base, as camadas intermediárias e o topo da pirâmide.

Dividido em dez partes, *A sociedade justa* faz um apanhado das políticas ligadas ao processo de distribuição da renda no Brasil, mostrando a relação entre a qualidade de vida e a divisão da riqueza de um país. No segundo artigo, Cattani faz um breve panorama do crescimento do mercado de luxo no mundo e aponta as dimensões negativas de uma distribuição de renda desproporcional: “Todos os indicadores disponíveis atestam que a concentração de renda está aumentando. Está fartamente



comprovado que grandes diferenças sociais são nefastas para o bem comum, fragilizam a economia e impedem o desenvolvimento sustentável”.

Ao analisar as bases tributárias brasileiras, as injustiças por trás do financiamento das políticas sociais, os crimes tributários e os paraísos fiscais, a obra demonstra que riqueza e pobreza seguem atribuídas à capacidade e ao mérito individual, como se fossem suficientes para justificar e legitimar o enriquecimento, quando na verdade a situação é mais complexa – e permanece despercebida a injustiça social dos processos de concentração da renda e da riqueza. Para pensar em uma sociedade justa, conclui o livro, o primeiro passo é identificar os componentes estruturais e as práticas que reproduzem a desigualdade. *A sociedade justa* demonstra que ricos e pobres, riqueza e pobreza, nesse contexto, não são termos de oposição, mas elementos de um mesmo cenário e que não podem ser observados de forma isolada. (Priscila Kichler Pacheco)

Ideias que transformaram o mundo

Sylvia Nasar | São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 584 páginas | R\$ 55 (valor médio)



No final do século XVIII, baseado na conclusão de que o impulso de reprodução superava todos os outros instintos e habilidades do homem, Thomas Malthus propôs sua teoria sobre a população. Ele deduziu que as populações humanas tendiam a crescer mais depressa do que a oferta de alimentos. Com mais famílias lutando pela mesma quantidade de comida e pelos mesmos empregos, o padrão médio de vida diminuiria. Para sobreviver e se alimentar, então, homens e mulheres seriam obrigados a ter menos filhos, e a dinâmica começaria a se inverter. O equilíbrio inicial seria atingido até que de novo ocorresse a inversão, num eterno ciclo de equilíbrio e discrepância em que os mais pobres estariam condenados a viver em condições precárias.

Esse paradigma custou a ser superado. A partir daí, *A imaginação econômica*, de Sylvia Nasar, segue a cronologia da nova ideia de economia que teve início em meados do século XIX e que mudaria a vida de todos. Tratava-se de uma economia humanizada, voltada ao bem-estar social, que contivesse o “fator humano” – e que teve seu prenúncio em *Um conto de Natal*, de Charles Dickens (1843).

Para falar sobre essa nova consciência, a autora de *Uma mente brilhante* dedica quase 500 páginas àqueles que estudaram a questão e também aos que foram determinantes na formulação de políticas desenvolvidas para resolver problemas e promover o bem-estar social. Fazem parte desse grupo nomes como Karl Marx e Friedrich Engels, Alfred Marshall, Beatrice Webb e o grande personagem do livro, John Maynard Keynes.

A partir da trajetória desses homens e mulheres, a economia é analisada à luz de duas questões: como os economistas concluíram que o capitalismo é o motor do progresso e o melhor sistema econômico, e a dicotomia de opiniões entre os que defendem uma intervenção regulatória do governo e os liberais, que acreditam que o livre mercado basta. Detendo-se em acontecimentos marcantes dos últimos 150 anos – as guerras mundiais, a Grande Depressão, o New Deal, o acordo de Bretton Woods –, o livro de Sylvia analisa a economia desde a Inglaterra do século XIX até a Índia atual. Ela traça retratos ricos desses personagens da história, mostrando como suas ideias e experiências influenciaram os rumos da evolução econômica. “Quem será o próximo?” é a pergunta que fica.

Na visão de Sylvia, foi graças ao trabalho desses economistas que se estabeleceu, durante a era vitoriana em Londres, a noção de que a humanidade não estava condenada à teoria de Malthus e poderia escapar do fardo, até aquele momento, milenar. A autora segue a teoria de Marshall, considerado o pai da economia moderna, e mostra que essa área do conhecimento não se trata de um conjunto de verdades, mas de um instrumento: um mecanismo de análises mutável que sempre vai exigir melhorias, adaptações e inovações ao longo da história. (Priscila Kichler Pacheco)



Produção em alta

Cinema

Impulsionados por financiamentos e parcerias, cineastas do RS preparam-se para lançar novos filmes

Fatimarlei Lunardelli*

O cinema gaúcho vive um grande momento. No ano passado, foram lançados 12 longas e igual número, ou mais, deverá aportar nas salas de projeção em 2013. Há uma saudável diversidade tanto em temática quanto em formatos. Os estreantes Beto Roa, com *Alice Diz*, e Davi Pinheiro, com o filme de terror *Porto dos mortos*, dividiram a cena com o veterano Carlos Gerbase e *Menos que nada*, primeiro trabalho de sua produtora, a Prana Filmes.

Não é menor a variedade entre os novos filmes que estão por estrear. E a ousadia. *As aventuras do avião vermelho* é raridade, uma animação para crianças que depois de quase dez anos está pronta para exibição. Tudo começou em 2003, com o prêmio para desenvolvimento de projetos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, oferecido pela Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia em parceria com o Banco Santander. Esse incentivo que não existe mais foi fundamental, nas palavras da produtora executiva Lisiane Cohen, para dar início ao processo. Com ele, a equipe liderada pelo diretor e roteirista Frederico Pinto e pelo diretor, produtor e animador José Maia fez um projeto de qualidade com *story board* e *treiller* usados na captação dos recursos financeiros. Orçado em 3 milhões, o *Avião vermelho* venceu todos os editais nos quais ingressou, incluindo o de finalização, lançado pelo Instituto Estadual de Cinema em 2011, que impulsionou a conclusão de filmes quase prontos. A decisiva participação do Estado é uma das razões do expressivo volume da produção gaúcha.

São vários os méritos dessa versão cinematográfica de uma história infantil escrita por Erico Verissimo em 1936. Tem valor cultural, ao destacar um autor rio-grandense entre os mais notáveis de nossa literatura. Promover a identidade cultural é um dos propósitos do cinema. A obra de Erico foi lida por várias gerações e ainda hoje é um livro adotado em escolas. Mais do



O filme *As aventuras do avião vermelho*, versão cinematográfica de uma história infantil de Erico Verissimo, deve estrear em breve no circuito nacional

que isso, Lisiane argumenta a importância das crianças terem contato com a própria cultura. Na transposição, os roteiristas Frederico, Camila Gonzato e Emiliano Urbim tiveram o cuidado de atualizar a história para os dias de hoje.

Produção complexa – O Rio Grande do Sul é um polo histórico de animação do qual se destacam os pioneiros Otto Guerra, Lancast Motta e o próprio José Maia, seguidos de animadores como Lisandro Santos. O desafio desse tipo de cinema é a complexidade do processo, que foi em muito facilitado pela tecnologia. No caso de *As aventuras do avião vermelho*, no entanto, a opção foi o sistema tradicional de desenhar os personagens no papel e depois digitalizar. Para isso, Maia desempenhou também a função de professor. Alguns animadores foram integrados à equipe depois de passarem por oficinas nas quais aprenderam os procedimentos. Mais de 40 profissionais estiveram envolvidos, em algumas etapas conectados em rede desde a Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Paris, onde se encontrava um dos editores.

Depois do longo período de realização, chega para o filme o momento crucial do lançamento. A queixa sobre as dificuldades dessa etapa é comum no cinema brasileiro e ainda falta no país competência sobre uma fase tão crucial. O mercado é amplo e diversi-

ficado, e o desafio para os produtores é saber como inserir esse produto, que é cultural, mas também industrial, chegando até o público interessado. *As aventuras do avião vermelho* destina-se às crianças, segmento pouco contemplado pelo cinema nacional.

A gaúcha Okna Produções, associada à produtora principal Armazém de Imagens, entregou para a Imagem Filmes, de São Paulo, a distribuição do filme. O público foi sendo mobilizado durante o processo. Mais de uma escola foi convidada a visitar o estúdio no qual a equipe de desenhistas dava vida a Fernandinho e sua turma. Com a voz do garoto Pedro Yan, esse personagem é um menino solitário de 8 anos que sofre com a perda da mãe. A partir de um livro dado pelo pai, a fantasia ajuda o garoto a enfrentar a dor. Pela imaginação, ele cria um mundo que ganha vida no cinema com as vozes de atores consagrados, como Lázaro Ramos e Milton Gonçalves, além do músico Wandê Doratiotto, do Grupo Premeditando o Breque, como um inestimável ursinho de estimação. Ainda durante as filmagens, Frederico Pinto fez palestras em escolas, que agora deverão ser articuladas com a estratégia de lançamento.

* Jornalista, doutora em cinema, integrante do Núcleo de Cinema e Comunicação da Fabico

Próximos lançamentos

São vários os títulos já prontos que buscam espaço no circuito. Enquanto isso não acontece, a opção é a vitrine dos festivais. *Simone*, do cineasta colombiano radicado em Porto Alegre Juan Zapata, é inspirado em fatos reais e mistura elementos de ficção e documentário para falar sobre liberdade sexual. Já foi exibido em Buenos Aires no Festival Ventana Sur.

Em Gramado, no ano passado, o diretor Beto Souza apresentou *Insônia*, uma comédia juvenil voltada ao público adolescente, baseada em livro de Marcelo Carneiro da Cunha. O cineasta também tem pronto o filme anterior, codirigido com Renato Falcão, que também aborda a trajetória de um escritor gaúcho. *Enquanto a noite não chega* baseia-se em conto de Josué Guimarães e tem no elenco Miguel Ramos e Clénia Teixeira.

Senhores da guerra é uma grande produção de época de Tabajara Ruas, que mais uma vez visita a história do Rio Grande do Sul. Agora os acontecimentos envolvem a guerra de 1924. Outra produção de fôlego é *A oeste do fim do mundo*, do prolífero Paulo

Nascimento, que desde *Diário de um novo mundo*, de 2005, tem dirigido um longa a cada dois anos. Em coprodução com a Argentina, *A oeste* tem cenas filmadas na região do Aconcágua, nos Andes. Outro título coproduzido com argentinos e já pronto é *A casa elétrica*, de Gustavo Fogaça. Falado em espanhol, português e italiano, conta a história dos imigrantes italianos irmãos Leonetti, que fundaram uma das primeiras gravadoras e a primeira fábrica de gramofones da América Latina em Porto Alegre.

Além de *As aventuras do avião vermelho*, outra animação, dessa vez para adultos, pronta para estrear é *Até que a Sbornia nos separe*. O longa de Otto Guerra é uma adaptação da peça gaúcha *Tangos e tragédias*, em cartaz desde 1984. A animação é uma comédia romântica e musical. Juntam-se a esses títulos os filmes *Dalua*, de Rodrigo Pesavento, Tiago de Castro e Fernanda Krume; *Dromedário no asfalto*, de Gilson Vargas; *Nós duas descendo a escada*, de Fabiano de Souza; *Mar inquieto*, de Fernando Mantelli; e *Hamartia – ventos do destino*, de Rondon de Castro.

Valorização da cultura

Entre os 12 longas gaúchos lançados no ano passado, destacaram-se sete documentários cujo mérito, antes de qualquer outro, é a divulgação cultural. Se no campo dos esportes *Arena: a construção de um sonho* veio na esteira de tantos filmes que têm sido feitos sobre futebol, na música as surpresas foram estimulantes. O diretor Pedro Lucas resgatou a figura ímpar de Argus Montenegro, um entusiasmado baterista que arrebatou o público em *A instabilidade do tempo forte*. Com isso, tirou do

anonimato um artista reconhecido entre seus pares, mas anônimo para o público em geral.

O mesmo se deu no belíssimo *Espia só*, em que Saturnino Rocha recupera a memória do maestro Octávio Dutra. Figura proeminente do choro no início do século 20 em Porto Alegre, reconhecido por Pixinguinha, que lhe comprou músicas em 1927, agitador cultural em sua época, ainda assim Dutra acabou esquecido com o passar dos anos. Com a participação do

músico e pesquisador Arthur de Faria e de outros tantos intérpretes, o documentário tem o extraordinário valor de recuperar a memória cultural porto-alegrense.

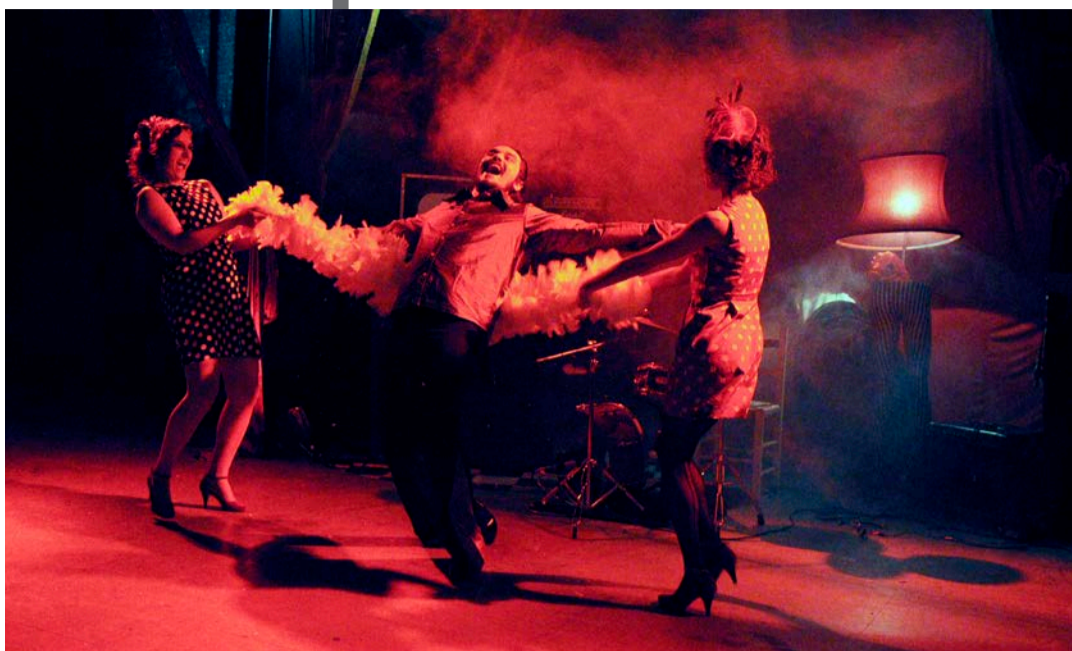
O mesmo pode ser dito sobre o documentário *O liberdade* e sobre o significado que assume para a vida cultural de Pelotas. Os cineastas Cíntia Langie e Rafael Andreazza registram a vida em torno desse bar fundado em 1974 que é ponto de encontro da vida boêmia da cidade. Nele acontecem animadas rodas de samba

e choro todas as sextas-feiras e sábados.

Em 2012, o cinema também dialogou com as artes plásticas em torno dos nomes consagrados de Danúbio Gonçalves e Xico Stockinger. Para completar a lista dos documentários, *Referendo*, de Jaime Lerner, iniciado em 2005 e cuja temática aborda a discussão sobre o porte de armas de fogo, traz ao debate o tema permanente da violência. Seguindo na linha documental, o cineasta prepara obra sobre o escritor Dyonélio Machado.

► **Redação** Manuela Martins Ramos | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Artistas irão apresentar o espetáculo *Variété*, inspirado nas clássicas exibições de circo

Recepção aos bixos

Programação cultural *Extensão universitária* traz o grupo *Circo Híbrido* ao Câmpus do Vale

Para dar início a série de celebrações pela chegada dos calouros e para desejar um bom retorno aos alunos e professores da UFRGS, o grupo *Circo Híbrido* fará uma apresentação especial na Praça Central do Câmpus do Vale, no primeiro dia de aula, 11 de março, às 12h30min. A equipe circense irá encenar o espetáculo *Variété*, inspirado nas clássicas exibições de circo que contam com a interação da plateia: dois mestres de cerimônia direcionarão a apresentação, com artistas e uma banda convidada. Haverá também números de comicità, malabarismo, acrobacias de solo e equilíbrio.

O grupo composto por Tainá Borges e Luís Cocolichio foi criado em 2004 e vem promovendo espetáculos em parceria com outros conjuntos e artistas. Eles têm atuado em projetos artísticos e culturais, como a 12.ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo, em que

participaram no ano de 2010, em São Leopoldo. Seus espetáculos contam com números de malabarismo, equilíbrio, palhaços, manipulações, monociclo, luzes, fogos, pernas de pau, acrobacias de solo e aéreas, dança, teatro e música. Tainá e Luís têm investido no aprimoramento de sua arte por meio da pesquisa de novas técnicas e da prática, buscando inspiração nas artes circenses, na música, no teatro e na dança.

“Acho que vai ser legal, pois os estudantes são parte do público que já costuma frequentar os espetáculos artísticos. E na UFRGS será muito bom incentivar o circo, mostrando que ele não existe só dentro da lona, mas também em outros espaços”, conta Tainá, acrescentando que o grupo nunca se apresentou em uma universidade.

Dentre os shows já produzidos está *Cabaré Valentin – Teatro Bar Espetáculo*, que em quinze edições teve a parti-

cipação de cerca de 180 grupos e artistas convidados, reunindo uma média de 600 pessoas na plateia. Além desse espetáculo, outros números foram criados e exibidos em praças, escolas, feiras e festas: *Há malas que vem de trem...*, *Ora bolas!*, *Flores*, *Aquatiquess*, *Experimentos* e *Etc...*

Para a realização de seus ensaios, o grupo criou o Espaço *Circo Híbrido*, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, onde realiza também oficinas de danças aéreas em tecido e em trapézio para adultos e crianças, além de workshops. Eles também cedem o local para outros conjuntos que queiram promover suas atividades.

Em caso de mau tempo, o departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão informa que o espetáculo será transferido para dia 12 de março, no mesmo local e horário. Outras informações pelo telefone 3308-3933.

CINEMA

Mostra Federico Fellini

A Sala Redenção apresenta filmes do diretor considerado uma das maiores influências do cinema. Sessões com entrada franca.

MULHERES E LUZES (*Luci del varietà*, 1950, Itália, 93 min)
Mulher insiste com diretor para ingressar em uma companhia de espetáculos. A estreante faz grande sucesso, e ele acaba se apaixonando.
Sessão: 1.º de março, 16h

ABISMO DE UM SONHO (*Lo sceicco bianco*, 1952, Itália, 92 min)
Recém-casados chegam a Roma e, enquanto o marido planeja conhecer a cidade, a esposa quer entregar um presente ao seu ator preferido.
Sessões: 1.º de março, 19h; 4 de março, 16h

OS BOAS-VIDAS (*I Vitelloni*, 1953, Itália, 103 min)
Cinco amigos vivem em uma pequena cidade da Itália cercados de bebidas e mulheres.
Sessões: 4 de março, 19h; 5 de março, 16h



A ESTRADA DA VIDA (*La Strada*, 1954, Itália, 104 min)
Jovem é vendida pela mãe a um lutador que viaja por várias cidades.
Sessões: 5 de março, 19h; 6 de março, 16h; 26 de março, 19h

A TRAPAÇA (*Il bidone*, 1955, Itália, 109 min)
Três homens sobrevivem aplicando golpes em pessoas ingênuas. Quando um deles reencontra sua filha, tenta se redimir.
Sessão: 7 de março, 16h

NOITES DE CABÍRIA (*Le Notti Di Cabiria*, 1957, Itália, 117 min)
Jovem prostituta em busca do verdadeiro amor descobre um pretendente inusitado.
Sessões: 7 de março, 19h; 8 de março, 16h

A DOCE VIDA (*La Dolce Vita*, 1960, Itália, 173 min)
Jornalista de tablóide sensacionalista deseja tornar-se um escritor sério, enquanto se envolve com várias mulheres.
Sessões: 8 de março, 19h; 11 de março, 16h; 28 de março, 19h

8 E MEIO (*8 1/2*, 1963, Itália, 145 min)
Cineasta em crise decide se internar em uma estação de águas.
Sessões: 11 de março, 19h; 12 de março, 16h; 29 de março, 16h

JULIETA DOS ESPÍRITOS (*Giulietta degli spiriti*, 1965, Itália, 148 min)
Mulher descobre traição do marido e inicia viagem de autodescoberta.
Sessões: 12 de março, 19h; 13 de março, 16h

OS PALHAÇOS (*I Clowns*, 1970, Itália, 92min)
Fellini ironiza a crítica cinematográfica por

meio do personagem de um jornalista.
Sessão: 14 de março, 16h

SATYRICON (*Fellini Satyricon*, 1969, Itália, 128 min)
Dois jovens disputam o afeto de outro. Adaptação do diretor para a peça *Petronius*.
Sessões: 14 de março, 19h; 15 de março, 16h

ROMA DE FELLINI (*Roma*, 1972, Itália, 128 min)
Um passeio por Roma, revelando a arquitetura, os mistérios e os hábitos de seus moradores.
Sessões: 15 de março, 19h; 18 de março, 16h; 28 de março, 16h

AMACORD (*Amarcord*, 1973, Itália, 125 min)
O filme retrata a pequena cidade de Rimini na década de 30, conforme as lembranças de garoto de Fellini.
Sessões: 18 de março, 19h; 19 de março, 16h; 29 de março, 19h

O CASANOVA DE FEDERICO FELLINI (*Il Casanova di Federico Fellini*, 1976, Itália, 155 min)
O lendário sedutor do século 18 é apresentado como uma pessoa cujos atos foram motivados pelas circunstâncias.
Sessões: 19 de março, 19h; 20 de março, 16h

CIDADE DAS MULHERES (*La città delle donne*, 1980, Itália, 138 min)
Homem seduzido por bela mulher durante viagem de trem acaba vivendo uma fantasia.
Sessão: 21 de março, 16h

ENSAIO DE ORQUESTRA (*Prova d'orchestra*, 1979, Itália, 70 min)
Orquestra sinfônica é mostrada como metáfora da humanidade.
Sessões: 21 de março, 19h; 22 de março, 16h

E LA NAVE VA (*E la nave va*, 1983, Itália, 128 min)
Navio que transporta as cinzas de uma cantora recolhe refugiados sérvios, o que acaba acarretando problemas.
Sessões: 22 de março, 19h; 25 de março, 16h



GINGER E FRED (*Ginger & Fred*, 1986, Itália, 125 min)
Dupla de bailarinos se reencontra para apresentar seu velho espetáculo no qual re-presentam Fred Astaire e Ginger Rogers.
Sessões: 25 de março, 19h; 26 de março, 16h

Sessões Acessíveis da Sala Redenção

TROPICÁLIA (*Tropicália*, 2012, Brasil, 88 min), de Marcelo Machado
Documentário sobre um dos maiores movimentos musicais do Brasil, ocorrido no final dos anos 1960.
Sessões: 6 de março, 19h (com audiodescrição); 13 de março, 19h (legendado)

História da Arte e Cinema: Heterotopias

Ciclo que discute as artes visuais por meio do cinema. Após a exibição, comentários do professor do Instituto de Artes Luís Edegar Costa. Sessão com entrada franca na Sala Redenção.



SEDE DE VIVER (*Lust for Life*, 1956, EUA, 122 min), de Vincente Minnelli
A conturbada vida do pintor Vincent Van Gogh e suas obras.
Sessão: 20 de março, 19h

1.ª Mostra Universitária de Curtas – MOUC

Seleção de curtas dos estudantes de Comunicação das universidades do RS. A mostra foi idealizada pela aluna de Publicidade e Propaganda da UFRGS, Juliana Balhego. Exibições na Sala Redenção com entrada franca.

Sessão: 27 de março, a partir das 16h

NA LATA (*Broken Blossoms*, EUA, 1919, 90 min), de D. W. Griffith
Jovem chinês desiludido com a intolerância abre loja e acaba se apaixonando por uma moça.
Sessão: 12 de março, 8h30min

IT (*It*, EUA, 1927, 72 min), de Clarence Badger
Apaixonada pelo filho de sua chefe, mulher vê essa relação complicar-se.
Sessão: 19 de março, 8h30min

A ENTREVISTA (*Interview*, Brasil, 2012, 11min-11seg), de Giordano Tronco (PUCRS)

A PROPOSTA (*Proposta*, Brasil, 2012, 6min-10seg), de Sedenir Medeiros Junior (UFRGS)

ROCCO (*Rocco*, Brasil, 2010, 15min-47seg), de Felipe Matzembacher (PUCRS)

O CÃO (*O Cão*, Brasil, 2010, 9min-40seg), de Abel Roland e Emiliano Cunha (PUCRS)

UM CONTO À DERIVA (*Um Conto à Deriva*, Brasil, 2011, 15min-35seg), de Germano de Oliveira (Unisinos)

Sessão: 27 de março, a partir das 19h

O MATADOR DE BAGÉ (*Matador*, Brasil, 2012, 15min), de Felipe Iesbick (Unisinos)

COMO SER UM GRANDE ESCRITOR (*Como Ser Um Grande Escritor*, Brasil, 2010, 4min-48seg), de Guilherme Petry (UFRGS)

MARCELO E ALICE (*Marcelo e Alice*, Brasil, 2012, 14min-12seg), de Elissa Brito (Unisinos)

O PERTENCENTE (*O Pertencente*, Brasil, 2009, 5min), de Gabriel Faccini (Unisinos)

FLORESTA NEGRA (*Foresta Negra*, Brasil, 2009, 15min-52seg), de Anderson Meinen (Unisinos)

QUEM É ROGÉRIO CARLOS? (*Quem é Rogério Carlos?*, Brasil, 2009, 14min-2seg), de Rogério Carlos (Unisinos)

DEPOIS DA PELE (*Depois da Pele*, Brasil, 2010, 14min-10seg), de Márcio Reolon e Samuel Telles (PUCRS)

RUA DA LIBERDADE (*Rua da Liberdade*, Brasil, 2010, 5min-40seg), de Leandro Dias Engelke (PUCRS)

ALICE NA CAMA (*Alice na Cama*, Brasil, 2012, 6min-38seg), de Fernando Bassani (PUCRS)

A Mulher no Cinema

Filmes clássicos e contemporâneos que abordam questões feministas. Coordenação dos professores Amadeu Weinmann e Paula Sandrine. As sessões serão realizadas na sala 210 do Instituto de Psicologia seguidas de debates. Apoio da locadora E e o Vídeo Levou. Inscrições: amulhercinema@gmail.com.



LÍRIO PARTIDO (*Blonde Venus*, EUA, 1919, 90 min), de D. W. Griffith
Jovem chinês desiludido com a intolerância abre loja e acaba se apaixonando por uma moça.
Sessão: 12 de março, 8h30min

IT (*It*, EUA, 1927, 72 min), de Clarence Badger
Apaixonada pelo filho de sua chefe, mulher vê essa relação complicar-se.
Sessão: 19 de março, 8h30min

A VÊNUS LOIRA (*Blonde Venus*, EUA, 1932, 99 min), de Josef von Sternberg
Mulher volta a se apresentar em clubes noturnos para pagar o tratamento do marido.
Sessão: 26 de março, 8h30min

ONDE?

► **Câmpus Olímpico**
Felizardo, 750
Fone: 3308-5804

► **Departamento de Música**
Senhor dos Passos, 248, sala 62
Fone: 3308-4325

► **Instituto de Psicologia**
Ramiro Barcelos, 2.600
Fone: 3308-5066

► **Museu da UFRGS**
Oswaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

► **Praça Central do Câmpus do Vale**
Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-6000

► **Sala Fahrion**
Paulo Gama, 110 – 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

MÚSICA

Atividades de extensão musical no Instituto de Artes

O Departamento de Música da UFRGS recebe inscrições para seus cursos e atividades. Inscrições: 5 a 7 de março
Local e horário: Departamento de Música, de segunda a sexta-feira, das 9 às 17h
Informações: extmusica@ufrgs.br

ATIVIDADES CORAIS
Projeto que oferece à comunidade atividades de canto. Serão avaliadas a voz e a musicalidade.

OFICINA DE TEORIA E PERCEPÇÃO MUSICAL
Desenvolve a leitura e a percepção musical. São cinco módulos oferecidos para maiores de 16 anos, com ou sem conhecimento musical prévio.

CURSO DE EXTENSÃO EM INSTRUMENTOS MUSICAIS
Aulas de canto lírico, flauta transversa, oboé, clarinete, fagote, flauta doce, piano, órgão de tubos, violão clássico, violino, viola, violoncelo e contrabaixo acústico com arco. Curso destinado a jovens a partir de 12

anos com conhecimento prévio nos instrumentos e aos professores que queiram multiplicar suas habilidades musicais.

CURSO DE MÚSICA PARA ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS
Destinado a jovens e adultos com prática em instrumentos musicais.

COMPOSIÇÃO E ARRANJO NA MÚSICA POPULAR
Curso aberto a músicos profissionais, estudantes de música e demais interessados. Aulas com o maestro Tasso Bangel.

NÚCLEO DE MÚSICA IMPROVISADA
Projeto com encontros semanais que visa à expressão musical livre. Destinado a músicos, não músicos e estudantes de música. A coordenação é do professor Adolfo Almeida.

PRÁTICA DE ORQUESTRA
Atividade que prepara os músicos para trabalhar instrumentalmente em conjunto. Dirigida a alunos de música e profissionais, tendo como ministrante o professor Joicelei Bohrer.

EXPOSIÇÃO

Projeto Percurso do Artista – Eduardo Vieira da Cunha

Exposição intitulada “Estar em qualquer lugar (a viagem como metáfora produtiva)”, que apresenta 38 trabalhos, entre pinturas e fotografias, do professor do Instituto de Artes Visitação: até 31 de maio
Local e horário: Sala Fahrion, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h
Entrada franca

Alan Turing

Mostra em homenagem ao matemático e cript-

ESPECIAL

Corrida Alan Turing

Encerrando as comemorações pelo centenário de Alan Turing, haverá uma corrida de 5km, aberta a comunidade acadêmica. As inscrições podem ser feitas na PRAE, no Câmpus Centro, e todos os participantes deverão levar um quilo de alimento no dia do

talista, considerado o pai da informática. A exposição foi idealizada na disciplina *Mentes e Máquinas*, desenvolvida nos programas de Pós-graduação em Computação e em Informática da Educação da UFRGS, com a curadoria do professor Dante Barone. Visitação: até 22 de março
Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Entrada franca, com agendamento para visitas de grupos de escolas pelo telefone 3308-3390 ou diretamente no site www.ufrgs.br/museu

evento. A atividade promovida pelos grupos PET Computação e Educação Física (UFRGS - SESu/ MEC), Museu da UFRGS, Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e Instituto de Informática, com o patrocínio da Temporada do Reino Unido no Brasil. Data: 23 de março
Local e horário: largada às 9h, Câmpus Olímpico



FABIANO DUTRA/JU

Empossada em dezembro de 2012 como titular na Faculdade de Farmácia da UFRGS, Valquíria considera que o cargo exige do professor a responsabilidade de dar um passo adiante

Predestinada à sala de aula

Valquíria Linck Bassani

Criada em uma família de professores, ela pensou que fugiria da docência

Ânia Chala

“Sempre fui muito dedicada ao trabalho. Às vezes, até excessivamente. Também me considero alguém de sorte, porque as oportunidades foram aparecendo em minha vida exatamente no momento em que eu podia aproveitá-las.” Assim Valquíria Linck Bassani se autodefiniu no início de nossa conversa, realizada no final de janeiro na Faculdade de Farmácia da UFRGS.

Ela valoriza muito a carreira que abraçou, pois veio de uma família de professores. “Meu pai lecionava em uma escola agrícola e dois de meus irmãos também eram professores. Quando tive de fazer o vestibular pensei: ‘Ah, eu não vou ser igual a eles. Quero ser diferente!’ Escolhi o curso de Farmácia, mas já no segundo semestre houve um desvio e me tornei monitora”, conta entre risos, ao lembrar de sua pequena rebeldia adolescente.

A terceira de quatro filhos, Valquíria nasceu em Tesouras, distrito de Palmeira das Missões, município da região norte do estado. Os pais, Emílio Carlos Linck, e Maria José de Oliveira Linck, moravam em uma casa junto à escola onde ele trabalhava. “Meu pátio era o pátio da escola. Quando chegava à cidade algum professor que não tinha onde ficar, se hospedava lá em casa”, relembra. Mais tarde, Emílio se tornaria coordenador de educação, e a família passaria a viver no município vizinho de Chapada. “Recebíamos muitas vistas de ex-alunos que

tinham ido estudar fora da cidade por influência de meu pai, por isso quase sempre havia um convidado para o almoço”, diz, ressaltando a resignação da mãe. “Maria José foi uma pessoa muito doce que sempre nos apoiou em tudo, até em nossas teimosias. Ela nos ensinou o lado meigo da vida”, reconhece.

Livros e brincadeiras de guri – A menina Valquíria cresceu junto dos irmãos Gaston e Carlos, o caçula. Deodata, a primogênita, fez o ginásio em outro município e pouco conviveu com os irmãos. “Carlos foi o único a receber um nome mais comum, porque meu pai não estava em casa quando ele nasceu, e dona Maria José logo tratou de batizar o menino”, conta Valquíria, divertindo-se com a iniciativa da mãe.

Na infância, o carrinho de lomba, a bicicleta, as bolinhas de gude e os passeios a cavalo eram parte do seu dia a dia. “Gaston era muito criativo: na bancada de marcenaria do pai, construía carrinhos de lomba e bicicletas de madeira”, recorda. Em casa havia uma biblioteca com livros de zootecnia, silvicultura e história. Quando Valquíria tinha 10 anos, em 1964, ocorreu o golpe militar, e seu Emílio tratou de dar sumiço em alguns livros. “Mais tarde, eles retornaram às prateleiras. Foi uma época de muito medo, pois embora meu pai não fosse uma pessoa de esquerda, compartilhava de ideias mais emancipadas.”

Aos 14 anos, deixou a casa paterna porque não havia ensino médio na cidade. Foi morar em Passo Fundo, onde estudou na Escola Estadual Nicolau Araújo Vergueiro. Naquela cidade, viveu com um casal de idosos que acolhia estudantes. Valquíria conta que ela e os irmãos sentiam o peso da responsabilidade pelo investimento que os pais faziam em sua educação. “Afim, para quem vivia com o salário de professor, não era fácil manter os filhos estudando longe de casa.”

Viagem dos sonhos – Durante o ginásio, Valquíria e sua turma promoveram festas a fim de arrecadar dinheiro para

uma excursão no final do curso. Sua irmã Deodata, que era professora na escola onde ela estudava, auxiliou na organização desses eventos. A turma angariou recursos para viajar de ônibus até Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. “Passamos um mês na estrada! Minha irmã teve muita coragem, porque saiu do interior naquele ônibus cheio de jovens e conseguiu dar conta de tudo.”

Na adolescência, Valquíria também acompanhou as excursões do time de futebol no qual jogava Carlos. “Havia nisso até certa irresponsabilidade, já que eu cuidava de um bando de crianças andando a pé durante horas pelas estradas de terra do interior. Mas o mundo era outro”, completa.

Logo que foi aprovada no vestibular da UFRGS, Valquíria perdeu o pai. Deodata já vivia em Porto Alegre, e Gaston também residia em outra cidade. “Restaram em Chapada o Carlos e a minha mãe, que meses depois acabou se transferindo para a capital.” Um ano após a morte do pai, o nascimento de Ceres, filha de Deodata e primeira sobrinha, trouxe renovação para a família.

Durante a faculdade, Valquíria morou com a irmã, que lecionava Geografia nos colégios Piratini e Rio Branco. “Ela sempre me apoiou, me estimulando nos estudos e também financeiramente.” Deodata abandonaria a carreira precocemente: depois de ter um filho com Síndrome de Down, optou pela aposentadoria para dedicar mais tempo ao menino. Gaston foi professor de Educação Física, mas também deixou a profissão. “Hoje, a única professora da família sou eu.”

Novos horizontes – De 1974 a 1977, Valquíria cursou Farmácia na UFRGS. “Vivíamos a ditadura e a gente sentia que as pessoas tinham cuidado com o que falavam”, relata. Já atuando como monitora, ela participou de um projeto de pesquisa coordenado pelo professor Peter Löwenberg, do Instituto de Química. “Ali descobri o quanto trabalhar com pesquisa podia ser instigante”, confessa. Valquíria recorda que Maria Luiza

Ambros von Holleben contribuiu decisivamente para sua carreira na UFRGS. “Ela me incentivou a fazer a seleção para monitora e também a cursar o mestrado. Daí a gente vê o quanto a palavra de um professor pode mudar a vida de um aluno”, observa.

Envolvida por completo com a academia, fez uma tentativa de estágio profissional fora da universidade no final da graduação. “Mas não gostei da rotina. Então fiz a seleção para o mestrado e voltei à universidade.” Concluído o curso, decidiu que era o momento de ter um filho. Ela havia se casado no final da faculdade com Célio Bassani, amigo de seu irmão Gaston, que frequentava a casa da família. Matheus, o filho planejado, nasceu em agosto de 1982.

Dois anos mais tarde, Valquíria foi docente no curso de Química da UFSM: “Saía de Porto Alegre na segunda após a meia-noite, chegava à Santa Maria pouco depois das 6h e já ia dar aula às 7h30min! Foi muito pesado”, admite. Mas em meio aquela correria, ainda increveu-se para um concurso na Farmácia da UFRGS. Assim, em dezembro de 1984, tornou-se professora na faculdade onde estudara.

França – No período entre 1987 e 1990, ela obteve uma bolsa para cursar o doutorado na Universidade de Montpellier, no sul da França. “Aluguei o apartamento da amiga de uma professora, que teve a paciência de esperar por três meses até que eu começasse a receber o dinheiro da bolsa. Vivi uma experiência fantástica, não só pela minha formação profissional, mas pela oportunidade de conhecer outra cultura. Matheus foi alfabetizado em francês e Célio aproveitou para fazer pós-graduação na área de alimentos”, conta.

No retorno à UFRGS, integrou-se à equipe que criou o doutorado em Farmácia. Era hora de abrir linhas de pesquisa, e Valquíria começou a trabalhar com plantas medicinais. “Dezembro é um mês de muitos acontecimentos em minha vida: ingressei na UFRGS, fui e voltei do doutorado, e agora me tornei professora titular, em dezembro do ano passado.”

Recomeço e desafios – O casamento com Célio terminou amigavelmente em 1992, mas Valquíria encontraria um novo companheiro, Saint Hillaire Frey Piegas, com quem passou a viver em 2004. “Ele desenvolve softwares e tem uma vida que invejo, pois trabalha em casa sem ter de enfrentar o trânsito todos os dias.” Viajar ao Uruguai é um dos prazeres do casal, que considera o país vizinho seu lugar de descanso: “É um povo educado e gentil. Sempre que temos mais de dois dias de folga a gente corre para lá”, revela entusiasmada. Orgulhosa, ela também conta que o filho é hoje aluno da UFRGS e cursa mestrado em Direito.

Mas a história de Valquíria na Universidade tomaria outro rumo quando foi eleita diretora de sua faculdade em 2000. “Esse viés de gestão torna-se quase natural. Quando os professores José Carlos Hennemann e Pedro Fonseca me convidaram a assumir a Pró-reitoria de Pós-graduação, levei um susto. Não dormi a noite inteira, mas o desafio acabou mexendo com meus brios”, relata a professora. Ela diz que a experiência lhe permitiu ver que as ações dos gestores têm consequências de uma dimensão muito maior: “Mesmo que a gente não tenha contato direto com os alunos, nossas decisões sempre os afetam. Então, procurei enxergar o mundo dos estudantes que iriam viver as consequências daquela ação.”

Em 2008, ao final de sua gestão na Pós-graduação, recebeu o convite do reitor Carlos Alexandre Netto para comandar a Pró-reitoria de Graduação.

Perguntada sobre o que considerou mais difícil ao ocupar cargos de gestão, ela não hesita em responder: “A vontade de fazer coisas com rapidez, mas que demoram! Eu me refiro a processos licitatórios e outras decisões que por sua natureza são morosas. É preciso aprender a trabalhar com planejamento em longo prazo. Outra coisa difícil é o distanciamento dos alunos. Fiquei oito anos um pouco afastada da sala de aula, e acho que voltei em um bom momento e com uma visão diferente do ensino”, conclui.



MATEUS BRUXEL



FLÁVIO DUTRA



MATEUS BRUXEL

Verão no Lami

FOTOS FLÁVIO DUTRA E MATEUS BRUXEL TEXTO FLÁVIO DUTRA

Porto Alegre tem praia. Meio escondida, meio invisível e ainda assim cheia de gente, o Lami é refúgio, recanto e litoral de uma vasta população da cidade. Praia de água doce tem suas peculiaridades. Uma delas é que ali se vê mais veranistas na água que na areia. Se é que “veranista” seja a palavra correta, afinal, é praia de se ir em dia de domingo (segunda a sábado é tempo de trabalho). Parece, também, que tomar sol não é o maior motivo para se ir até lá. Vai-se ao Lami para fazer churrasco, para brincar, para dançar. E o Lami é praia de dançar. Na avenida principal, a Beira-Rio, há um sem-número de bares com música ao vivo. Democraticamente, passa-se do funk ao sertanejo, do brega ao pagode, do reggae ao rock, do forró aos hits de novela. Em uma caminhada pelo Maluka’s, pelo Natural, pelo Larica’s, pelo Kateespero ou pelo Ecleticu’s ouvem-se gaitas, guitarras, surdos, cavaquinhos, contrabaixos, baterias e teclados de todos os tipos misturados numa confusão que quase cria ritmos inéditos. Também estão liberados o croquete de areia, a guerra de bexiguinhas, o churrasquinho “de gato” e a cadeira de praia. De praia mesmo, pois dentro da água.

As fotos desta página foram feitas em domingos de janeiro na praia do Lami, na zona Sul de Porto Alegre.



FLÁVIO DUTRA



FLÁVIO DUTRA

FLÁVIO DUTRA É FOTÓGRAFO E EDITOR DE FOTOGRAFIA DO JORNAL DA UNIVERSIDADE. **MATEUS BRUXEL** É FOTÓGRAFO DO JORNAL DIÁRIO GAÚCHO. AMBOS SÃO JORNALISTAS FORMADOS PELA FABICO-UFRGS.



Para o artista e impressor Paulo Chimendes, a gravura é sempre um empreendimento coletivo

Sentidos gravados na história

Arte

Gravuras de diversos gêneros, estilos, temáticas e técnicas colocaram o Rio Grande do Sul em posição de destaque no cenário artístico brasileiro

TEXTO **EVERTON CARDOSO**
FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

“Faz 35 anos que carrego pedra!”, exclama o artista e impressor Paulo Chimendes durante uma das aulas de litografia que ministra nas oficinas de gravura do Museu do Trabalho, em Porto Alegre. Na frase, está contida a síntese de sua vida. Nascido em Rosário do Sul, Paulinho – como é conhecido por seus amigos e por seus pares do mundo das artes visuais – veio para a capital ainda menino e, aos 13 anos, passou a frequentar aulas no então recém-criado Atelier Livre da Prefeitura – nos tempos em que este funcionava nos altos do Mercado Público.

“Este *tusche* aqui foi a Maria Tomaselli que me deu há não sei quanto tempo”, brinca novamente, enquanto mostra a lata de tinta à base de gordura usada para desenhar sobre a pedra que mais tarde vai servir de matriz para a impressão litográfica. O material lhe fora dado por uma das artistas com quem mais trabalhou e por quem tem bastante carinho e admiração. Mais uma vez, em uma de suas tiradas, Paulinho traduz a sabedoria de quem convive com a arte e vive a gravura desde há muito: é sempre um empreendimento coletivo.

Essa mesma lição é ensinada pela artista Anico Herskovits, conhecida por seu trabalho em várias formas de gravados. Ambos, gravadora e impressor, compartilham boa parte das memórias da história da gravura no Rio Grande do Sul. Não só iniciaram

suas trajetórias no Atelier Livre como, depois, foram reencontrar-se no momento da consolidação do MAM, oficina composta por Maria Tomaselli, Marta Loguercio e Anico. “Em certo momento, sentimos a necessidade de termos nosso próprio espaço”, conta a artista sobre a origem do ateliê que mantiveram por cerca de 10 anos e que, mais tarde, foi ponto departida para outros coletivos e projetos. Um dos mais longevos é o mantido pelo Museu do Trabalho.

Anico diz que a gravura é, em geral, um empreendimento grupal porque os artistas dependem da existência de oficinas e prensas para executarem suas obras. Isso faz com que cooperem e se aglutinem com frequência. “É muito trabalhoso, e custa caro”, diz sobre a produção de estampas.

Para exemplificar, basta dizer que uma pedra para impressão de litogravuras pode chegar a custar mil reais, dada a raridade do material de que são feitas. Ainda que sejam reutilizáveis, representam um alto investimento, já que há vários outros materiais e equipamentos necessários, tais como tanques, tintas e instrumentos de gravação – isso sem contar a mão de obra necessária. O trabalho artístico em gravura, então, remete às formas de arte mais antigas, fortemente ligadas às habilidades manuais. É como, mais uma vez, ensina Paulo Chimendes: “Sou do tempo da pedra”.

Gravura no RS

O processo que fez com que as obras impressas ganhassem importância no cenário das artes sul-rio-grandenses parece ser tributário da tradição iniciada pelas oficinas litográficas, que serviam ao mercado editorial e jornalístico nos anos 1800. Mais tarde, somente no século XX, as gravuras em metal de Pedro Weingärtner e as litografias de João Fahrion, para citar apenas dois dos nomes mais notórios com reconhecimento além de nossas fronteiras, abriram espaço para as estampas feitas com intenção artística no estado. É, porém, fora da capital – lugar que abrigara a maior parte das manifestações artísticas até os anos 1940 – que vai reunir-se um grupo de artistas-gravadores de raro talento e que, inspirado por seus posicionamentos político-ideológicos, vai conceber uma obra que ganha relevância na arte brasileira. Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves e Carlos Sciar constituíram o núcleo referenciado como Grupo de Bagé. “A cidade é conhecida nacionalmente pela carne e pela gravura”, diverte-se o curador-chefe do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), José Francisco Alves. Tanto é que existe lá, desde 1977, o Museu da Gravura Brasileira.

Marcantes são as xilogravuras – feitas a partir de matrizes de madeira – em que Danúbio Gonçalves retrata as charqueadas sulinas ou a série em que mostra a realidade dos mineiros de carvão da cidade de Butiá. São, pois, trabalhos que, como os de seus companheiros de agrupamento, carregam consigo um viés crítico dessa realidade.

Mas não é só devido a esses ideais que seus nomes tornaram-se consagrados no cenário artístico brasileiro. “Esse grupo figura na história da arte no Brasil pela qualidade plástica, pelo tratamento significativo dado à temática social em gravuras de qualidade”, justifica Francisco. No entanto, o pesquisador e historiador da arte se ressentia da pouca importância dada, em termos nacionais, aos gravados produzidos no RS. “Não temos a boa vontade dos teóricos de arte do eixo Rio-São Paulo para reconhecer a nossa gravura como deveriam. Há poucos gravadores aqui cujas obras estão em acervos de museus de outras partes do país”, lamenta.

Na oficina gráfica – De acordo com o professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS Paulo Gomes, fazer gravuras é um processo que exige habilidade manual muito próxima daquela demandada aos artesãos. Entre os conhecimentos necessários estão, primordialmente, o domínio das superfícies sobre as quais as imagens serão gravadas, além, é claro, da necessidade de se ter uma boa ideia de como esse processo acontece. No caso das matrizes, podem ser elaboradas a partir de pedaços de madeira – para xilogravura –, de blocos de pedra – para litografia –, sobre chapas metálicas ou mesmo em telas de seda – caso este da serigrafia. Além disso, é preciso saber como preparar a tinta, entintar o rolo e, com este, a matriz, selecionar e preparar o papel – muitas vezes utilizado umedecido, dependendo da técnica – e, por fim, imprimir – aqui exigindo do sujeito

que executa essa tarefa um conhecimento bastante aguçado do uso da prensa. “É completamente anacrônico, se formos olhar friamente”, diz o estudioso da história da arte no Rio Grande do Sul, sobretudo pelo trabalho braçal exigido ainda hoje, uma época em que a arte encampa – e parece ter predileção por – tecnologias digitais e outras mídias temporalmente muito distantes das ferramentas gráficas. É pela necessidade do domínio de saberes e processos tão específicos e complexos que, na maioria das vezes, os artistas contam com o auxílio de profissionais altamente especializados para a impressão de suas obras.

É o caso de Paulo Chimendes. “Ele é um dos maiores especialistas em litografia no Brasil”, assevera Homero Lima, que tem suas obras impressas pelo técnico do Museu do Trabalho. De acordo com o impressor, que também tem carreira como artista, na gráfica não pode haver disputa. “É preciso escutar o artista para poder executar o trabalho idealizado por ele. Um bom impressor tem de ter humildade.” Frequentemente, no entanto, artistas optam por imprimir seus próprios trabalhos, seja para reduzir os custos de produção, seja para ter um melhor controle do resultado final de seu trabalho. No momento, é a opção de Anico Herskovits. “A litografia que estou fazendo tem cinco cores!”, exclama. Para que cada uma das cores seja impressa, a artista precisa repetir todo o processo, desde a gravação e o tratamento da matriz até a impressão em si. “Imagina o trabalho que dá isso! Seria caríssimo pagar alguém para fazer”, justifica.



Acima, matriz e impressão da xilogravura “Em cima do...”

Oficinas litográficas

De acordo com Carlos Scarinci, em seu livro *A gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980*, a produção artística foi bastante incipiente no estado durante o século XIX. Somente em 1903, portanto já no século seguinte, é que foi realizado o primeiro salão de artes na cidade, iniciativa que marca a autonomização da produção artística em relação às artes gráficas e decorativas. Até então, destacavam-se oficinas de produção litográfica de cunho comercial, como a pioneira de Augusto Lanzac von Chanac, estabelecida em 1860. Também foi bastante conhecida a dos irmãos Weingärtner, que produziam litografias que, ainda que de certo apuro técnico e estético, eram destinadas à ilustração de obras literárias e de jornais. Inácio, Jacob e Miguel tornaram-se conhecidos em toda a província por sua habilidade na criação e na impressão de peças litográficas.

Pedro Weingärtner

Foi o mais importante artista gaúcho do início do século XX e obteve reconhecimento nacional por seu trabalho ligado à estética naturalista vigente no período. Embora seja mais reconhecido como pintor, sua obra gráfica merece destaque: foi precursor, no Brasil, da gravura artística em metal. Estudou no país e no exterior, sendo que, em uma de suas estadas na Europa, realizou seus primeiros trabalhos impressos a partir de matrizes de metal. Tanto as pinturas como os gravados retratavam principalmente paisagens e



cenas de gênero em que aparecem camponeses europeus, trabalhadores brasileiros, ou temáticas que remetam à Antiguidade Clássica. Ainda que a maioria das gravuras sejam cópias ou adaptações de suas pinturas, é perceptível certa experimentação gráfica em suas paisagens.



João Fahrion

Antes de consolidar sua carreira artística e como docente do Instituto de Belas Artes, fora capista e ilustrador da Editora Globo a partir dos anos 1930. Com ele, trabalharam outros artistas-gravadores de grande talento, como Sotero Cosme, sob a liderança de Ernst Zeuner. Bastante conhecida no campo das artes gráficas é a imagem que Fahrion criou para *Noites da taverna*, de Álvares de Azevedo. Ainda que a maior parte de sua obra tenha sido de pinturas de figuras, paisagens e retratos, produziu um pequeno número de litografias que recebeu reconhecimento nacional. Nessas obras, são retratadas figuras individuais que vão compondo grupos sem muita organicidade. Exemplos são as estampas *A fonte* e *Modinha*, esta última premiada com medalha de prata no Salão Nacional de 1944.

Grupo de Bagé

Nos anos 1940, na cidade fronteiriça de Bagé, um grupo de escritores, poetas e músicos reuniu-se para propor uma atualização da arte. A eles, juntaram-se artistas plásticos ainda em início de suas carreiras e que vão levar



àquela região ares de um modernismo que já iniciara no centro do Brasil e mesmo no Rio Grande do Sul havia algumas décadas. Carlos Sciar, Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti constituem o núcleo mais conhecido desse grupo cuja produção em gravura vai ser reconhecida nacional e internacionalmente, sobretudo por seu viés social e ligado à ideologia de esquerda. Na década seguinte, já em Porto Alegre, vão dar origem ao Clube da Gravura e criar uma obra que retrata, sobretudo, aspectos da vida rural sul-rio-grandense.

Iberê Camargo

Notório pelas pinturas em que retrata séries de carretéis, ciclistas e os ‘idiotas’, o artista natural de Restinga Seca explorou a gravura em metal a partir do final dos anos 1940. De acordo com o crítico Walmir Ayala, Iberê representou um caso raro na arte brasileira, pois teve produção de qualidade equivalente tanto como pintor quanto como gravador. O artista publicou, em 1992, um manual sobre a gravura em metal que derivou de seus estudos e da apostila que distribuiu em um curso que ministrara no Atelier Livre de Porto Alegre em 1955. Depois de sua morte, em 1994, a fundação que leva seu nome criou o projeto Artista Visitante, em que nomes mais conhecidos e outros ainda iniciantes da arte local e internacional são convidados a fazer gravuras em metal.



Zoravia Bettiol

De acordo com o crítico de arte Carlos Scarinci, as gravuras da artista contêm uma “mitificação ideológica do feliz e do simples”. Entre suas xilogravuras, são bastante conhecidas as séries dedicadas ao circo e aos deuses olímpicos e, também, obras cujo teor de denúncia social é, segundo



o Dicionário de Artes Plásticas do RS, combinado com um forte lirismo. Realizou sua primeira exposição individual no final da década de 1950 e, desde então, extrapolou as fronteiras nacionais, com participações em várias mostras, prêmios em diversos certames internacionais e presença em inúmeras edições da Bienal de São Paulo. Além da gravura, transitou pelo desenho, pelo design de joias e pela tapeçaria – prática em que iniciou toda uma geração de artistas.

GRAVURA



"muro", da artista Anico Herskovits, produzida em 2000

Técnica como significado – “A gravura me fascina pela multiplicidade”, diz a artista e professora do Instituto de Artes da UFRGS Maria Lucia Cattani. Ao contrário do que se costuma dizer, porém, ela não vê aí uma arte democrática, pois também está sujeita às mesmas restrições e aos mesmos códigos pouco acessíveis que as demais formas de arte. Para a artista, aliás, não é a técnica que deve ser definidora da obra; ao invés, é o sentido pretendido que deve demandar o uso de certa forma de trabalho. Tanto é que, inicialmente, os gravados eram uma maneira de fazer circular as imagens anteriormente pintadas. “Foi fazendo essas reproduções que os artistas se deram conta de que as imagens gravadas são diferentes das pintadas. Elas têm potencial”, relata. Além da multiplicidade, a docente tem apreço pela relação entre a matéria – matriz e estampa – e o conteúdo, ou seja, pelo uso desse processo como significação integrante da obra. “Trabalha-se sobre um material – a matriz – que não é a obra; esta serão as cópias”, acrescenta.

A surpresa do resultado impresso é, para Anico Herskovits, o que me mais a seduz no trabalho como gravadora. Isso porque o resultado não é conhecido imediatamente. Primeiro, porque o artista trabalha sobre a matriz – de madeira, pedra, metal ou seda – e deve ali realizar a imagem de forma espelhada. Feito isso, ele tira as primeiras cópias – conhecidas como PE (provas de estado) – para ir tendo ideia dos rumos do trabalho. Depois de terminadas suas intervenções e de satisfeito com o resultado,

ele imprime – ou faz imprimir – uma cópia chamada de BPI – boa para imprimir. Esta é que vai servir de referência para o trabalho posterior. O artista, então, determina quantas cópias terá sua obra, e esse será o número de impressões feitas a partir de uma matriz. Cada uma delas deve ser, então, assinada a lápis e numerada com uma fração que indica qual cópia é aquela e a

Fazer gravuras é um processo que exige habilidade manual muito próxima daquela demandada aos artesãos

tiragem total. Além disso, ele imprime PAs – provas do artista, que ficam para si e normalmente são usadas para doações – e uma PI – prova do impressor, que vai para o executor da impressão como reconhecimento pelo seu trabalho. Ora, com um processo tão complexo e longo – frequentemente uma matriz é trabalhada por meses –, não há como não se surpreender no momento de separar cópia e matriz.

Vício saudável – De acordo com Sérgio Lewgoy, proprietário da galeria especializada Casa da Gravura, há bastante produção de gravados no Rio Grande do Sul, ainda que o mercado seja bastante reduzido, proporcionalmente. “É uma faixa muito pequena de colecionares e apreciadores de gravuras”, analisa com a experiência de mais de 60 anos no comércio, sendo os dez últimos dedicados à arte. No acervo de seu negócio, tem aproximadamente 1.500 peças de 230 artistas diferentes. “É tanta coisa que até me esqueço de muitas delas”, brinca. “Quem começa a colecionar gravura”, testemunha Sérgio a partir de sua experiência pessoal e da de seus clientes, “não consegue mais parar”.

Além das casas especializadas no comércio de arte, na capital é possível adquirir obras do gênero por meio das instituições que fomentam a produção. O Museu do Trabalho, por exemplo, mantém aquela que é provavelmente a iniciativa de maior repercussão: o consórcio de gravuras. Mensalmente, os assinantes recebem trabalhos de artistas consagrados e novos em diversas técnicas de impressão. Na lista dos dez artistas previstos para a edição deste ano, por exemplo, figuram Fabio Zimbres, Gelson Radaelli e Graziela Salvatori. De acordo com o coordenador da instituição e responsável pela organização do projeto, Hugo Rodrigues, é uma ótima oportunidade para os compradores, já que as obras são vendidas a um valor que chega a 30% do que valeriam no mercado de arte.

Atelier Livre

Depois que, no início dos anos 1960, Iberê Camargo declarou que o Rio Grande do Sul vivia um “marasmo cultural”, surgiram iniciativas que pretendiam romper com essa situação. Entre elas, um seminário e um curso de gravura, este ministrado por Francisco Stockinger. Foi, então, a partir de 1962 que se criou, nos altos do Mercado Público, um espaço que se tornou referência na formação de artistas daquele período, sobretudo em técnicas de gravura. Aglutinaram-se ao redor do ateliê artistas que, mais tarde, formariam a nova geração de gravadores gaúchos, como Vera Chaves Barcellos, Anestor Tavares e Regina Silveira. Em 1978, ganhou seu espaço definitivo no Centro Municipal de Cultura. Atualmente, oferece cursos de diversas técnicas e temas ligados às artes visuais, organiza mostras e certames e publica a revista *As Partes*.

Regina Silveira

Artista que transita pela pintura, pela litogravura e pela xilogravura, teve como mestres, em cada uma dessas áreas, Iberê Camargo, Marcelo Grassmann e Francisco Stockinger, no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Graduada em Artes Plásticas pela UFRGS e em Filosofia pela PUCRS, coordenou a área de gravura da Faculdade de Artes Plásticas da Faap, em São Paulo, de 1973 a 1985. Em sua obra, o crítico Tadeu Chiarelli encontra influências



de Marcel Duchamp pela ironia usada para dar novos sentidos aos códigos previamente existentes. Nos anos 1960, faz serigrafias que remetem à tradição geométrico-construtiva e, no final da década seguinte, começa a incorporar em seus trabalhos novas mídias, como vídeos e fotocópias.

Escola de Artes

Foi apenas na primeira década do século XX, em 1908, que surgiu a instituição que mais tarde daria origem ao Instituto de Artes da UFRGS. Inicialmente, tratava-se de um conservatório de música e, somente dois anos após o início das atividades, é que começaram a acontecer aulas de desenho. Mais tarde, em 1920, iniciou-se o ensino da pintura e, na década seguinte, de escultura. Nessa época, a então escola vai aos poucos se adaptando ao modelo de ensino universitário que então se estruturava no Brasil. Nos anos 1960, teve início o ensino da gravura, e esta passou a integrar o currículo de formação em Artes Plásticas. É nesse período, por exemplo, que Danúbio Gonçalves dá aulas na instituição. Entre as atividades pioneiras dos professores da área, destaca-se *Visão*, de 1971, álbum de serigrafias abstratas geométricas de Rose Lutzemberger, Rubens Costa Cabral e Luiz Barth.

Vera Chaves Barcellos

Iniciou sua trajetória no início dos anos 1960, com xilogravuras, litogravuras e desenhos. Recebeu diversos prêmios nacionais, como o do XVIII Salão de Belo Horizonte. Com a ambição de aumentar as dimensões de suas gravuras e em razão do tamanho limitado das pedras de litografia, usou-as simultaneamente com xilogravura. Predominam, em seus trabalhos, abstrações que privilegiam as relações entre formas e cores, ainda que haja sugestões figurativas. Criou séries de gravuras-objetos, com elementos planos que se combinam em quebra-cabeças bi e tridimensionais. Em 1985, foi curadora da exposição *Gravura no Rio Grande do Sul: Atualidade*, que esteve em cartaz no MARGS, no Museu de Arte Contemporânea da USP e na PUC do Rio de Janeiro.



Museu do Trabalho

Fundado em 7 de dezembro de 1982, tem sua sede em galpões da Marinha do Brasil situados no início da Rua dos Andradas. Ainda que o foco inicial fosse a constituição de um acervo dedicado às práticas laborais e à sua história social, mantém diversas atividades artísticas que contribuem para a manutenção do local, já que este não recebe verbas públicas. Além de uma sala de exposições de arte, abriga um teatro e uma oficina de gravuras – nesta são ministradas periodicamente oficinas de diversas técnicas e também são prestados serviços de impressão a artistas. Desde 1996, organiza o consórcio de gravuras que fora anteriormente mantido pelo ateliê MAM e, depois, pela Oficina 11. A cada edição, nove artistas são convidados a produzir gravuras que são vendidas a um grupo de assinantes. No total, já foram produzidas 190 obras.

Gráfica Gaúcha

O Centro Cultural CEEE Erico Verissimo realizou, a partir de 2007, uma série de três exposições sobre a gravura no Rio Grande do Sul. A curadoria foi de responsabilidade de Anico Herskovits e voltou-se a gravuras de arte, ou seja, àquelas que contivessem em si preocupações dos artistas com forma e conteúdo por meio da expressão individual dos autores. A primeira edição apresentou uma panorâmica desde 1910 até 1980. No segundo ano, a mostra enfocou instituições, ateliês e grupos. Já a última edição trouxe artistas que trabalharam de forma independente e também aqueles cuja atuação aconteceu nos anos 2000, os ‘novíssimos’. O mapeamento feito pelo projeto apontou, no Rio Grande do Sul, um predomínio de gravuras feitas em metal e xilografia, além de um esmaecimento da produção gravada, em se comparando com o que ocorrera em décadas anteriores.

Eduardo Haesbaert

Gravura expandida



É preciso ficar preso à imagem, ao que se quer dizer. Essa é a função do artista: provocar o olhar do espectador. Como ele vai fazer isso é que é a dúvida.

Eduardo Haesbaert

“Nunca comercializei as Provas do Impressor. Tenho uma relação afetiva com elas, são uma coleção”, conta Eduardo Haesbaert sobre as gravuras que recebeu em sua carreira como impressor. Atual coordenador do acervo da Fundação Iberê Camargo e um dos responsáveis pelo projeto que convida artistas para um período de residência no ateliê de gravura em metal da instituição, Eduardo considera essas obras de arte documentos para contar a história que ele acredita ter ajudado a construir. “Tem impressores que acabam usando isso como uma forma de sobrevivência, e é justo. Acho até que deveriam ficar com umas cinco ou seis gravuras em razão do trabalho que têm”, reivindica.

A impressão de obras de arte para outros artistas surgiu em sua vida a partir da experiência no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. “Comecei com o Armando Almeida e tinha como colegas o Mario da Conceição e o Edson Flavio”, relembra. O artista e impressor, que teve sua iniciação nas artes ainda em sua terra natal, Santana do Livramento, tem tão vivas essas memórias que se recorda, inclusive, de como eram as aulas do ‘mestre Armando’: ele dividia uma matriz de cobre em quadrantes e determinava que, em cada um desses espaços, o aluno executasse uma das tantas técnicas de gravação em metal. “Era um ateliê coletivo, então acabava aprendendo com os colegas e com o professor”, conta. “Aprendi a impressão e gostei. E foi então que comecei a imprimir para outros artistas como forma de ganhar dinheiro”, revela sobre o rumo que sua vida tomou a partir de meados dos anos 1980. “O Mario e eu”, diverte-se, “chegávamos a dormir no ateliê. Amanhecíamos trabalhando.”

Foi assim, a partir dessa dedicação à gravura em metal, que a impressão virou um ofício paralelo à produção artística de Eduardo. E é dessa forma de arte que surgiu a oportunidade que transformou sua carreira. Depois de ter iniciado sua trajetória como artista e de ter já se estabelecido como impressor, conheceu Iberê Camargo e passou a trabalhar para ele no processo de confecção de suas gravuras. A relação se estabeleceu em 1990, a partir de um amigo em comum, Gelson Radaelli. “Ele sabia que o Iberê precisava de um impressor e me levou até o bairro

Nonoai, onde o artista trabalhava. Fiz o teste e fiquei até o Iberê falecer”, conta. Com Maria Coussirat Camargo, esposa do artista, manteve o ateliê de gravura onde antes Iberê trabalhara. A continuação do trabalho em gravura foi, aliás, uma maneira de manter viva a linguagem e, de certa forma, a memória de Iberê.

No trabalho com o artista e gravador, Eduardo tinha um papel bastante importante, já que era ele quem preparava as matrizes e, depois que Iberê desenhava sobre elas, procedia à gravação com ácido e à impressão. “Ele tinha uma agressividade na linha e uma rapidez no gesto que deixava rastro”, analisa. Eduardo, em seu papel de assegurar que essas características das obras do artista fossem perceptíveis nas impressões, aplicava seu conhecimento sobre a técnica de gravura em metal para reproduzir o mais fielmente possível o desenho, alternando traços mais sutis e outros mais profundos. “Há uma sedução na linha feita por ele”, complementa. Para o impressor, até mesmo na pintura de Iberê Camargo é possível ver elementos típicos da gravura: “Muitas vezes, ele finalizava a pintura desenhando com tubo de tinta ou com espátula. É quase uma gravura, como se fosse uma ponta seca abrindo o sulco para o ácido”.

Tal como o mestre a quem credita uma visão mais profissional da arte, Eduardo Haesbaert aplica em seu trabalho artístico a experiência advinda da gravura, ainda que não trabalhe estritamente com essa técnica. “Não deixa de ser uma espécie de gravura expandida”, resume. Ele aclara, porém, que considera mais importante a força que a imagem tem como resultado final do que a técnica em si. “Muitas vezes os gravadores estão mais preocupados com a pureza da técnica que propriamente com a imagem. Isso acaba sendo muito conservador; o artista fica preso ao processo. É preciso ficar preso à imagem, ao que se quer dizer. Essa é a função do artista: provocar o olhar do espectador. Como ele vai fazer isso é que é a dúvida”, reflete. Quando questionado sobre a interferência desse seu pensamento como artista quando atua como gravador, responde: “Sou muito generoso, consigo separar. Acabo ajudando o outro e aprendendo enquanto trabalho”.



Névoa e cerração são fenômenos da natureza que geralmente estão associados à baixa visibilidade, à impossibilidade de enxergar muito além de alguns metros – ou mesmo palmas em momentos mais críticos – adiante do nariz. O artista visual Rafael Pagatini, no entanto, vai na contramão desse consenso: ele propõe uma arte que, em vez de turvada pelas formas de vapor atmosférico, vê nas imagens indefinidas a possibilidade de ver algo de novo nas formas que propõe. “Meu trabalho nasce da fotografia, das perambulações por outros lugares”, revela o artista. “Isso”, complementa, “só foi tornado mais aparente com o passar do tempo. É um processo de reinvenção a partir de elementos preexistentes que tenta jogar com a linguagem e com o meio”.

Ao tentar mapear essas referências, Rafael apressa-se em relatar uma experiência recente que o marcou. Ele estudou por um ano na cidade do Porto, em Portugal. Paralelamente à sua atividade acadêmica, como estudante de Artes Visuais, trabalhava como iluminador em uma discoteca chamada Gare, que fica na parte alta da cidade portuguesa cortada pelo rio Douro. Rafael conta que, na saída de seu trabalho, já quando o dia amanhecia, ficava observando um dos pontos mais emblemáticos da cidade: a Torre dos Clérigos, campanário em estilo barroco construído no século XVIII. “Filmava a torre quando ia embora, e a neblina fazia com que a construção aparecesse e desaparecesse. Isso me fez retroceder muito o pensamento às paisagens de minha cidade natal”, conta. Natural de Caxias do Sul, o artista somente deixou a cidade serrana em 2004, aos 19 anos, para vir para a capital dar início a seus estudos no Instituto de Artes da UFRGS, no bacharelado em Artes Visuais.

Quando voltou a Porto Alegre, após o ano em terras portuguesas, Rafael teve aulas de gravura com duas artistas locais bastante conhecidas por seus trabalhos na área, Anico Herscovitz e Maria Lucia Cattani. Desse aprendizado da linguagem do gravado, o artista foi estabelecendo uma relação que é, simultaneamente, paradoxal e complementar: a feição leve e vaporosa das lembranças que acumulou, e o aspecto duro e pesado da madeira. “Nesse período, ia bastante a Caxias para

fotografar a paisagem de lá. As casas de madeira em estilo típico da cidade me chamaram muita atenção”, revela. As construções caxienses que tanto marcaram a lembrança de Rafael normalmente são feitas de madeira canelada – por isso, com aspecto listrado –, têm uma fachada simples, rompida apenas por uma porta e duas ou três janelas venezianas. São encimadas por uma triangular cobertura de telhas francesas em quatro águas, normalmente de um marrom escurecido pelo tempo e pelo musgo acumulado em razão da umidade do lugar.

Ao se deparar com muitas dessas casas em processo de demolição, Rafael recolhia pedaços de madeira que usava para fazer matrizes de gravuras. “A madeira tem sulcos, traz em si a memória presente em seus veios e em sua textura. A gravura veio como uma necessidade do trabalho, como uma decorrência gradual”, esclarece ao demonstrar certa inconformidade com o rótulo de ‘gravador’. “Trabalho com gravura, mas não é apenas isso”, explica. Segundo Rafael, essa técnica se presta muito a determinados trabalhos a que se propõe realizar. “É uma ausência que se faz presente”, reflete sobre a relação entre as impressões e a matriz a partir da qual foram geradas. É, para o artista, uma relação semelhante àquela estabelecida entre as pegadas na areia e o sujeito que ali esteve. Para complementar essa reflexão, repete uma pergunta que lhe fizera a orientadora de mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, Maria Lucia Cattani, com o objetivo de fazê-lo refletir sobre o trabalho: “E se tirares a gravura, o que fica?”

Permanece, para Rafael, a forte relação entre as transformações da cidade natal: numa perspectiva temporal mais longa, é marcada pela arquitetura remota e pela demolição que dá lugar a novos e mais modernos edifícios; e, em intervalos mais imediatos, pelo aparecer e sumir por entre a neblina. Essa memória da infância e da adolescência é ativada, no artista, pela experiência portuguesa e pela atividade artística manifesta no efeito óptico criado nas gravuras por linhas diagonais que formam as imagens ora nítidas, ora difusas. “É esse embaralhamento, esse jogo entre visível e invisível que me interessa”, sintetiza.